

ÍNDICE

1- CARACTERIZAÇÃO FÍSICA.....	3
CARACTERIZAÇÃO FÍSICA.....	4
2 - CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA	12
CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA	13
NORMAIS CLIMATOLOGICAS.....	15
3- CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO.....	18
CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO	19
GRÁFICOS QUE TRADUZEM A EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR FREGUESIA.....	21
DENSIDADE POPULACIONAL DO MUNICÍPIO	21
ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE – ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO.....	22
POPULAÇÃO POR SECTOR DE ACTIVIDADE	27
POPULAÇÃO DESEMPREGADA POR FREGUESIA.....	29
NÍVEIS DE INSTRUÇÃO: ÍNDICES DE ANALFABETISMO ELEVADOS.....	31
4 – CARACTERIZAÇÃO DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO E ZONAS ESPECIAIS	32
CARACTERIZAÇÃO DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO E ZONAS ESPECIAIS....	33
CARACTERIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO DO SOLO POR GRANDES USOS.....	33
MAPA Nº 14 – OCUPAÇÃO DE SOLO	36
DINÂMICAS DE OCUPAÇÃO DO SOLO.....	36
EVOLUÇÃO DA OCUPAÇÃO DO SOLO.....	36
ZONAS DE CAÇA	41
ROMARIAS E FESTAS	42
5 – ANÁLISE DO HISTÓRICO E CASUALIDADE DOS INCÊNDIOS FLORESTAIS	43
(1980-2006).....	43

**CADERNO II – BASE DE INFORMAÇÃO QUE SE TRADUZ NUM
DIAGNOSTICO ESPECIFICO DO MUNICÍPIO E QUE SERVIRÁ DE
APOIO À DECISÃO RELATIVAMENTE ÀS PROPOSTAS DO
CADERNO I DESTE PLANO**

1- CARACTERIZAÇÃO FÍSICA

-ENQUADRAMENTO DO MUNICIPIO

-ALTIMETRIA

- DECLIVES

- EXPOSIÇÃO

- REDE HIDROGRAFICA

CARACTERIZAÇÃO FÍSICA

Para uma abordagem coerente ao problema dos incêndios Florestais, ao nível municipal, é absolutamente necessário uma caracterização do concelho aos diferentes níveis, começamos assim por uma abordagem física ao Município.

O município de Murça localiza-se na região Norte de Portugal, encontrando-se a mais de 300 quilómetros em linha recta da capital do País, e dista, aproximadamente, 100 quilómetros do Oceano Atlântico, que se encontra a oeste, e o limite sul do município encontra-se a cerca de 15 quilómetros do rio Douro. O município encontra-se a cerca de 75 quilómetros em linha recta da cidade de Braga e a cerca de 95 quilómetros do Porto, a 65 quilómetros de Bragança, 100 quilómetros de Ourense, 130 quilómetros de Vigo, 135 quilómetros de Zamora e a cerca de 150 quilómetros de Salamanca. A fronteira com a Galiza encontra-se a cerca de 35 quilómetros para Norte. As cidades mais próximas encontram-se a menos de 20 quilómetros em linha recta do município, que são Vila Real, que se encontra a Oeste do município, e Mirandela a Este.

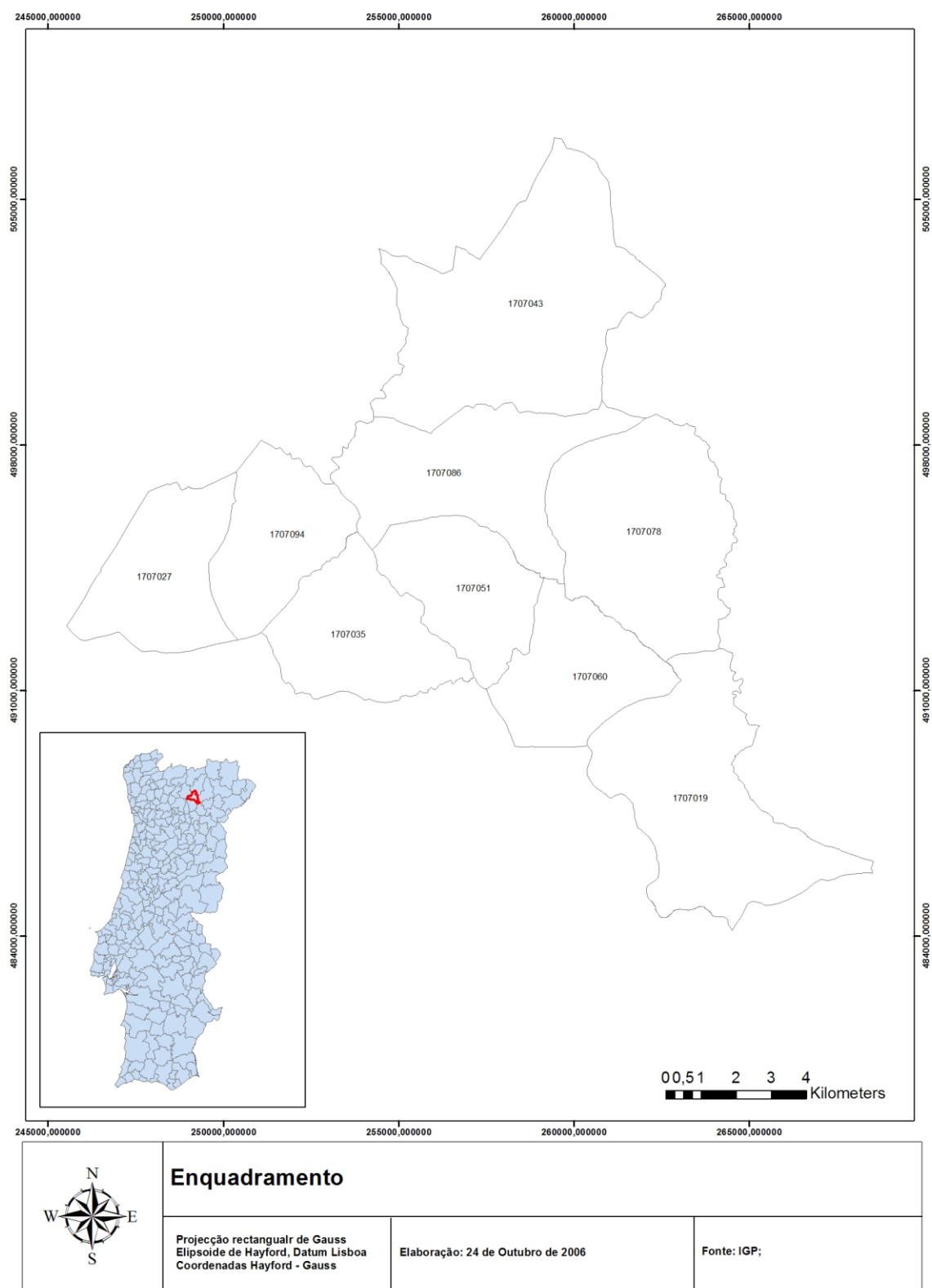
Situado no centro oriental do distrito de Vila Real e da região de Trás-os-Montes e Alto Douro, o município de Murça tem uma extensão territorial de 189,5 km² de superfície, distribuída por 9 freguesias. A Vila de Murça, sede do respectivo concelho, dista dos centros urbanos mais importantes da região cerca de 40 km, contudo a sua proximidade ao nó de ligação ao IP4 torna Murça uma zona privilegiada em termos de mobilidade, o que potencia o seu desenvolvimento.

A divisão administrativa do termo de Murça compreende nove freguesias: Murça, Candedo, Carva, Fiolhoso, Jou, Noura, Palheiros, Valongo de Milhais e Vilares. Das freguesias do município de Murça há algumas que se destacam pela sua dimensão territorial, nomeadamente Jou que tem uma superfície de 37,3 km², Candedo (28,8 km²) e Palheiros (27,1 km²), representando 19,7%, 15,2% e 14,3% do território municipal, respectivamente. Estas são as freguesias limítrofes do município na parte Nordeste, Este e Sueste. No extremo oposto destacam-se as freguesias com uma dimensão territorial inferior a 15 km², nomeadamente Murça (14 km²), Vilares (14,1 km²), e Noura (14,7 km²), representando cada freguesia menos de 8% da superfície do município, (ver os mapas que se seguem).

Freguesias	Área (km ²)	Área (%)
Candedo	28,8	15,2
Carva	15,2	8
Fiolhoso	16,2	8,6
Jou	37,3	19,7
Murça	14	7,4
Noura	14,7	7,7
Palheiros	27,1	14,3
Valongo de Vilares	22,1	11,7
Vilares	14,1	7,4
Total	189,5	100

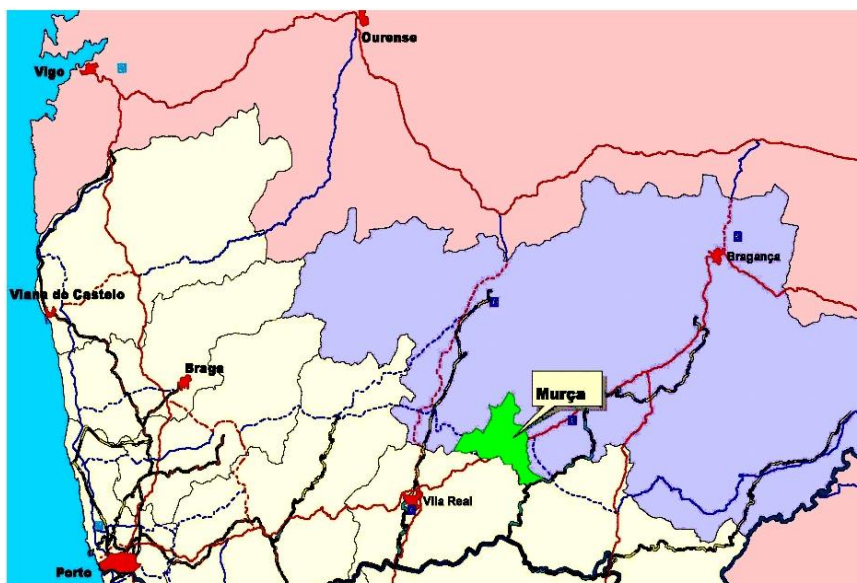
Quadro 1 – Área de cada Freguesia

Plano Municipal de defesa da floresta Contra Incêndios – Alterações



Mapa nº 1 – Enquadramento do Município de Murça em Portugal Continental

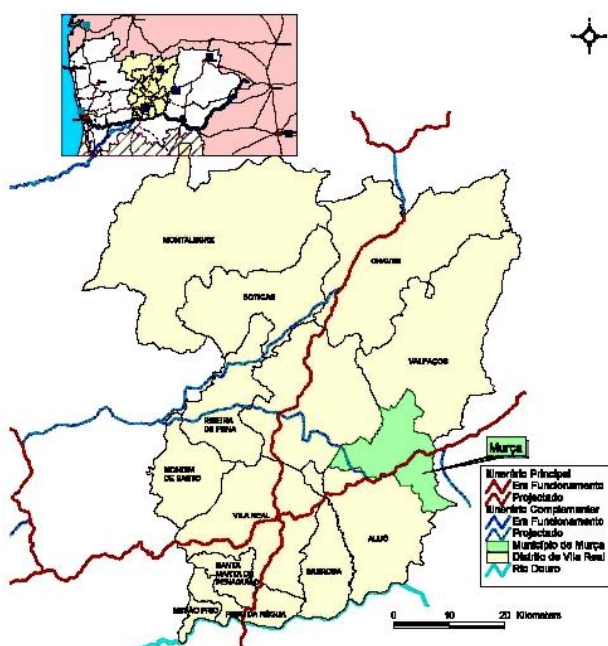
Enquadramento do Município no Alto de Trás-os-Montes



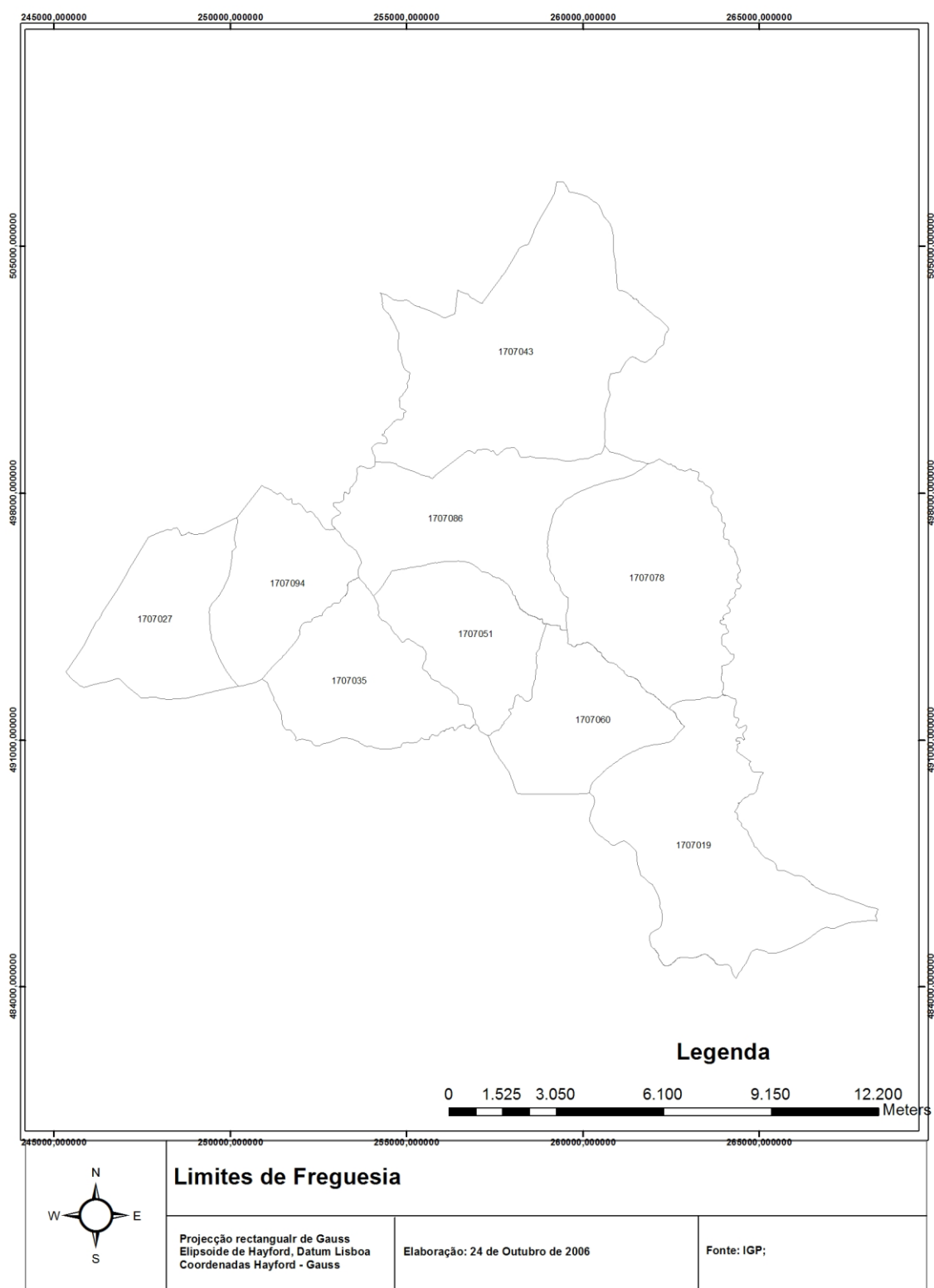
Mapa nº 2 – Enquadramento do Município de Murça no alto de Trás-os-Montes

Murça é um dos 14 municípios do distrito de vila real, localizado na parte Este do distrito de Vila Real, tendo fronteira com 5 municípios, dos Distritos de Bragança e Vila Real. Assim a Norte e a Nordeste é limitado pelo município de Valpaços, a Este pelo Município de Mirandela, a Sueste pelo município de Carrazeda de Ansiães, a Sul e Sudoeste pelo município de Alijo, e a Oeste e Noroeste faz fronteira com o município de Vila Pouca de Aguiar. O Distrito de Vila Real tem uma superfície de 4307.567 Km², dos quais 189.37 pertencem ao município de Murça representando 4.4% do total da superfície. Distrito este que têm 268 freguesias, das quais 3.36% pertencem ao município de Murça.

Enquadramento do Concelho de Murça no Distrito de Vila Real

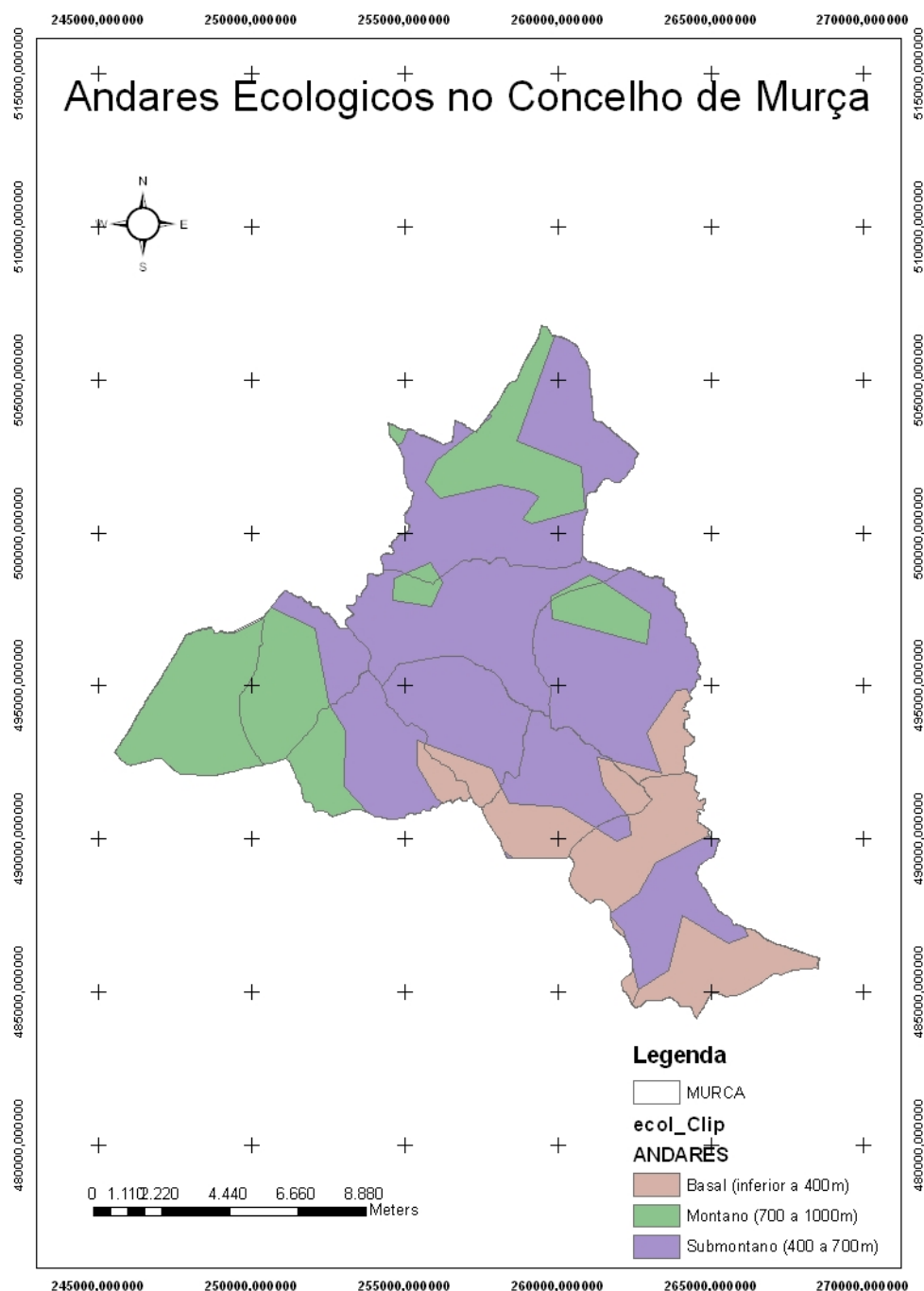


Mapa nº 3 – Enquadramento do Concelho de Murça no distrito de Vila Real



Mapa nº 4 – Enquadramento das Freguesias de Murça No Concelho

Segundo a carta ecológica o município de Murça divide-se em três andares ecológicos: o basal inferior, compreendido entre os Zero metros e os 400m, ocupa parte da Terra Quente. O andar montano, que vai desde os 700 m aos 1000 m e ocupa toda a freguesia de Carva, parte da freguesia de Vilares, freguesia de Jou e a mais importante mancha florestal do concelho de Murça, a Serra da Garraia. O andar submontano abrange a maior área, este vai dos 400 m aos 700 m.

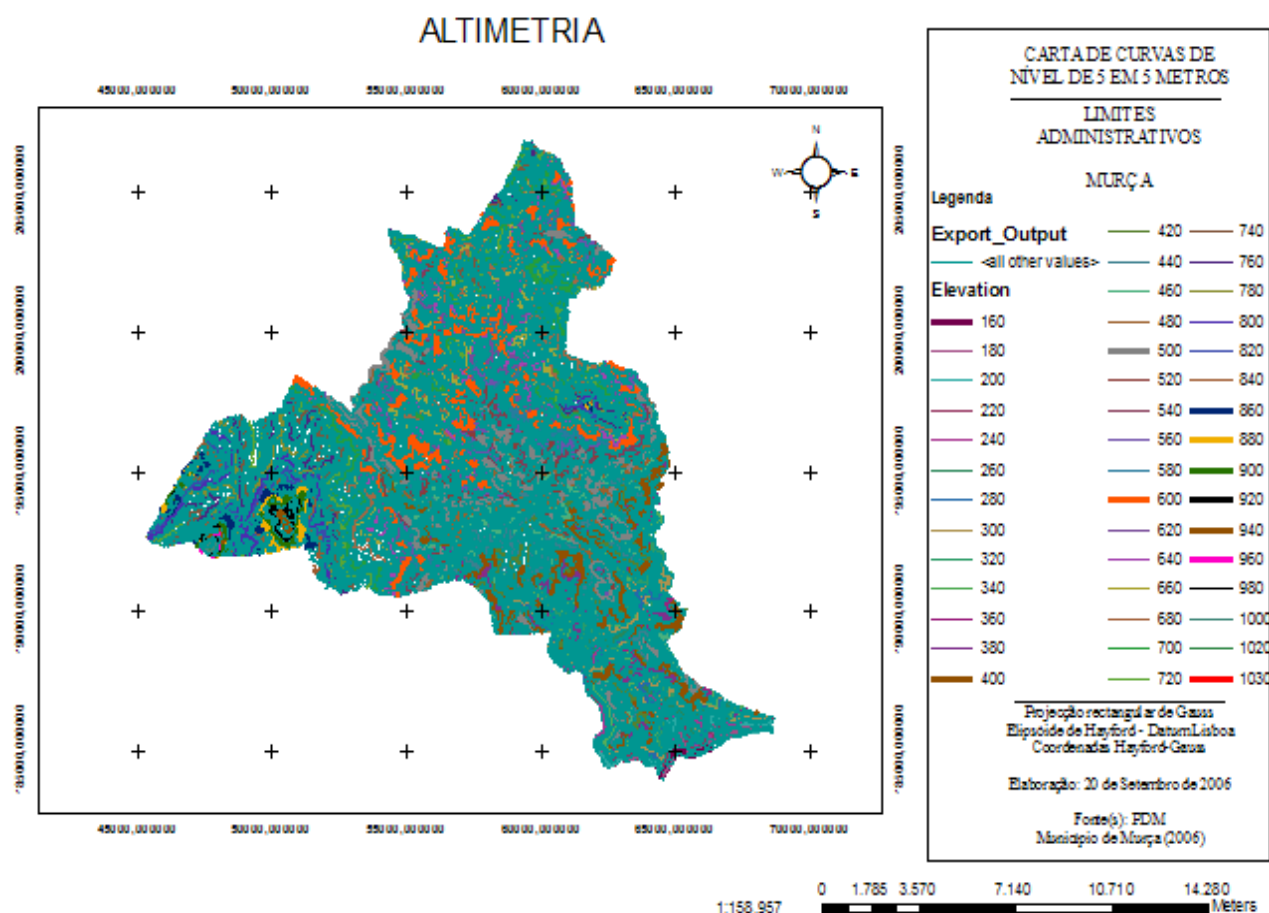


Mapa nº 5 – Andares Ecológicos

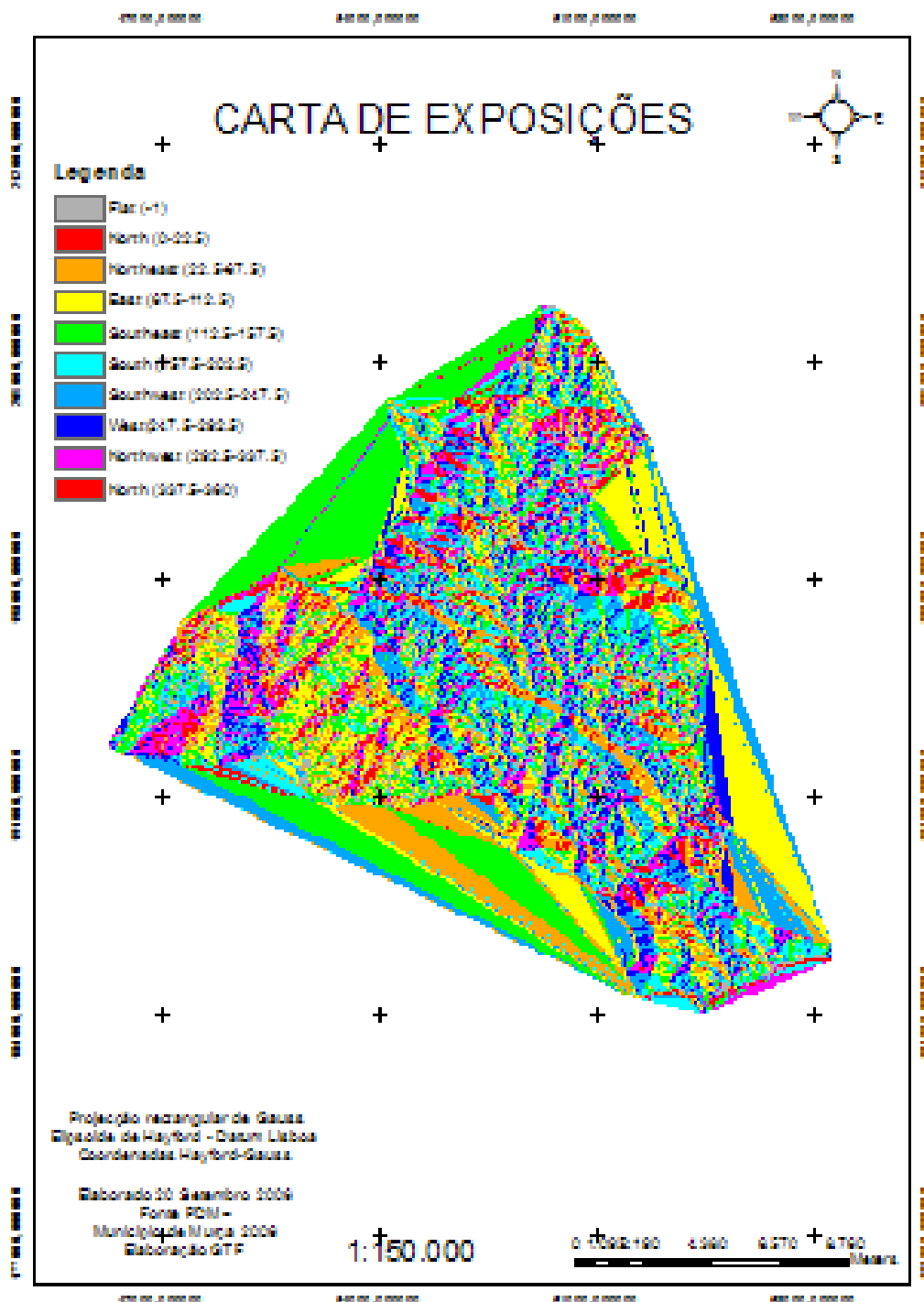
O concelho de Murça têm um relevo bastante acidentado, os valores de altimetria oscilam entre as cotas 160 metros na freguesia de Sobreira, na pendente para o rio Tua, e os 1030 metros na freguesia de Carva, próximo do posto de vigia 18-04.

É nas freguesias de Carva, Vilares, Palheiros e Jou, que se situam as áreas de relevo mais acidentadas, especialmente na freguesia de Carva, que oscila desde os 780 metros e os 1030 metros, esta é a freguesia mais alta do município. A localidade de Asnela inserida na freguesia de Vilares, está compreendida entre os 830 metros e os 945 metros. A Serra da Garraia, a mais importante mancha florestal do município, varia desde os 600 metros aos 880 metros. A Terra Quente, da qual fazem parte as freguesias de Candedo, Martim e Noura oscilam entre os 160 metros e 450 metros e o restante concelho dos 500 metros e 800 metros.

Através das curvas de nível com cotas de 5 em 5 metros obteve-se o modelo digital do terreno.



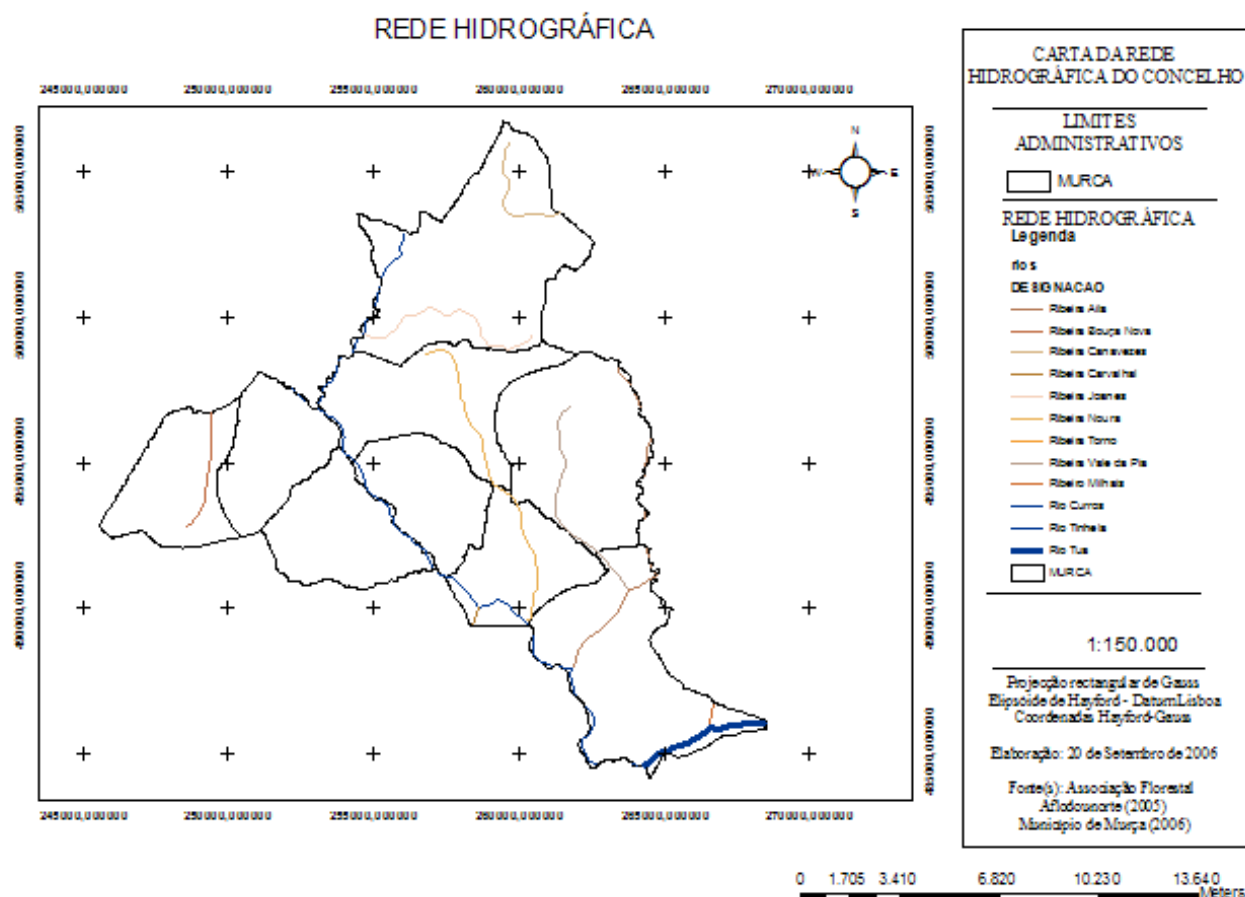
Mapa nº 6 – Curvas de nível



Mapa nº 7 – Carta de exposições

REDE HIDROGRAFICA

A rede hidrográfica, é basicamente constituída pelo rio Tinhela que atravessa o concelho de Noroeste a Sudoeste e recolhe as águas dos diversos tributários com origem no concelho, indo desaguar no rio Tua. Os cursos de água mais importantes são: o rio Tua, que limita parcialmente o concelho, o rio Tinhela com origem na serra da Padrela e os seus afluentes rio Curros, ribeira de Aila e ribeira de Noura.



Mapa nº 8 – Rede Hidrográfica

Os centros origem da maioria das linhas de água do concelho são as áreas mais elevadas: bloco de Escarção/Asnela e cabeços montanhosos da parte nordeste: Jou-Serra da Garraia. Aqui as precipitações mais elevadas, aliadas à fraca permeabilidade do solo, criam uma rede hidrográfica constituída por diversas linhas de água que escorrem dos cabeços e formam várias ribeiras que confluem para os vales do Tinhela e Tua onde se situam as cotas mais baixas do concelho.

Nas áreas de xistos a rede hidrográfica é extremamente ramificada e corresponde a um sistema de linhas de água curtas e temporárias. Os terrenos silúricos encontram-se também moldados pelas linhas de água, sendo aqui a ribeira de Noura o principal receptor e que recolhe as linhas de água da serra da Garraia e do planaltos de Carvas. O canto Nordeste do concelho pode-se incluir na envolvente da grande bacia de Valpaços de modo a que nas áreas mais elevadas de Jou a escorrência processa-se na sua direcção. Associada ao domínio granítico, é visível uma orientação sub-paralela das linhas de água denotando a existência de controlo tectónico, ou seja, as linhas de água seguem as linhas de fractura existentes.

2 - CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA

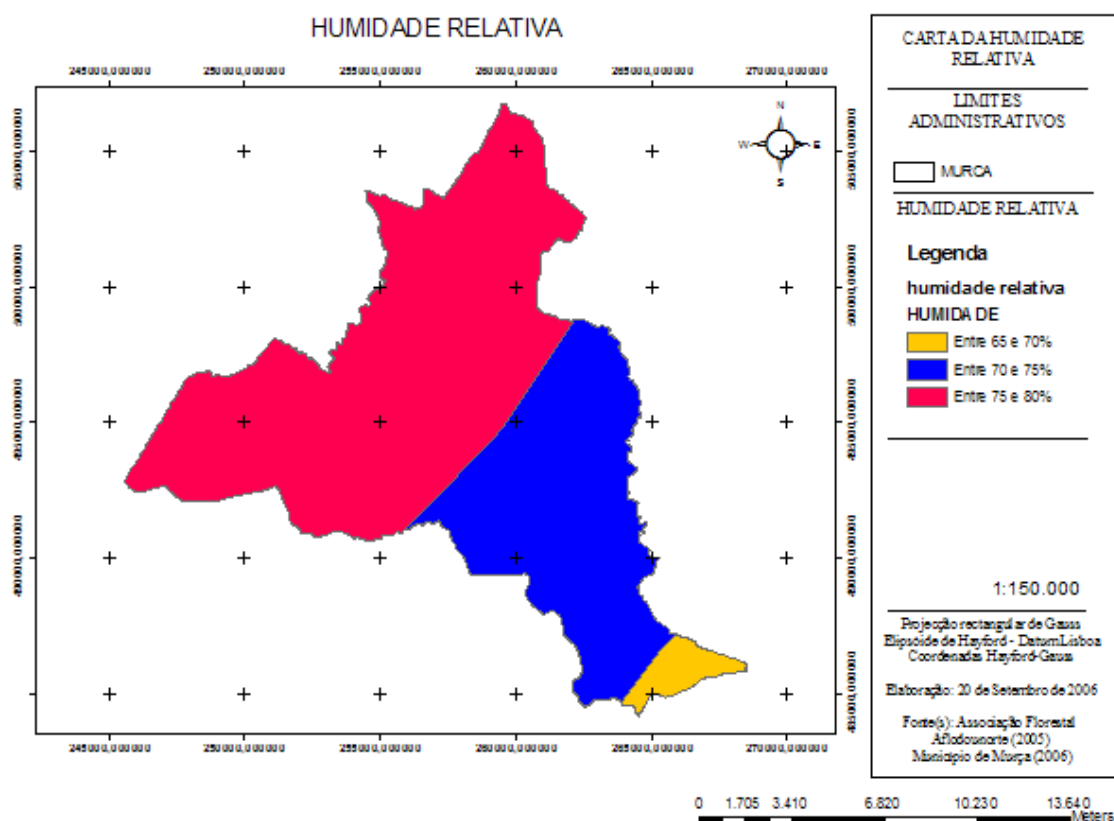
**HUMIDADE
PRECIPITAÇÃO
TEMPERATURAS
VENTOS DOMINANTES**

CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA

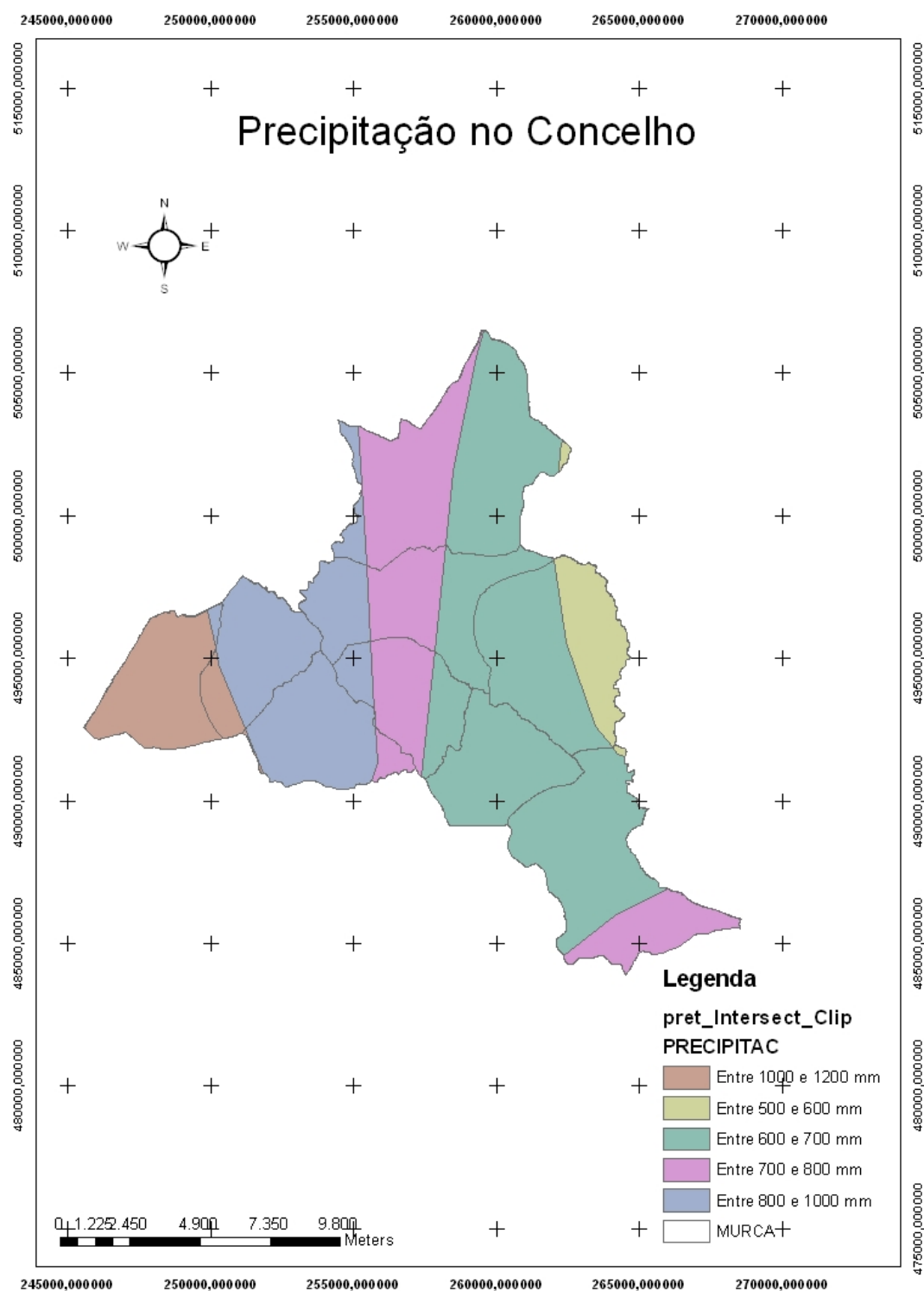
Existem algumas dificuldades na obtenção de dados para a caracterização climática e admitindo que esta é uma caracterização geral das condições médias dos parâmetros meteorológicos específicos de um determinado local ou região, num determinado período de tempo, definido normalmente trinta anos, os dados utilizados são os mais recentes, 1961-1990, fornecidos pelo Instituto de Meteorologia. É importante caracterizar o clima do Município pelo que, é necessário conhecer as condições meteorológicas associadas às ocorrências de grandes incêndios verificados no concelho.

Podem-se encontrar variantes das zonas climáticas frias, quentes e de transição em que se vão acentuando à feição ecológica sub-continental. Assim, dos 700 aos 1000 metros, as condições climáticas são consideradas de Terra Fria de planalto (F1), com temperatura entre 10 °C e 12,5 °C e a precipitação superior a 1200 mm. Possui três variantes (F1,F2 e F3) devido à diminuição da precipitação, resultado das altitudes decrescentes. A paisagem é dominada pelos matos e afloramentos rochosos ou manchas florestais, permitindo alguma agricultura junto às linhas de água.

A Terra de Transição (T entre 12,5 °C e 14 °C), possui duas variantes, T3 e T4 com a primeira mais húmida que a segunda ($1200 \geq R \geq 1000$ mm e $1000 \leq R < 800$ mm, respectivamente) sendo representadas pela zona com uma ocupação agro-florestal onde é possível uma diversificação de culturas. Nos níveis inferiores e correspondendo aos vales do Tinhela, Tua e ribeira da Aila, as condições climáticas correspondem à Terra Quente ($T > 14$ °C) com uma variante mais húmida que as outras: Q3 e Q4 (valores de R decrescentes desde 1200 a 800 mm, Como podemos ver, no mapa, a humidade relativa do concelho varia entre os 65% e os 80 %.



Mapa nº 9 – Humidade Relativa



Mapa nº 10 – Precipitação

NORMAIS CLIMATOLÓGICAS

Precipitação e Temperatura Mensal

Mês	TX (°C)	TN (°C)	RR (mm)
Janeiro	9.7	2.6	160
Fevereiro	11.7	3.7	170
Março	14.4	4.8	97
Abril	16.5	6.4	90
Maio	20.1	8.9	70
Junho	25.0	12.4	53
Julho	28.8	14.3	15
Agosto	28.7	13.8	16
Setembro	25.7	12.6	49
Outubro	19.5	9.4	108
Novembro	13.5	5.4	125
Dezembro	10.0	3.3	160
Ano	18.6	8.1	1112

Quadro n.º 2 – Precipitação e médias da Temperatura mínima e máxima Mensal

A temperatura máxima atingida no município, corresponde a 28.8°C para o mês de Julho, sendo a mínima de temperatura para este mês, de 14.3 °. Em Julho, verifica-se a menor precipitação obtida, 15 mm. Homologo a este mês, é o Agosto com 28.7 ° C de temperatura máxima e 13.8° C de mínima, sendo a precipitação para de 16 mm. Estas características fazem destes dois meses os mais críticos para os incêndios florestais na época estival. Analisando a Temperatura do ar no Gráfico n.º 1, vimos que é também Julho, domina, com 40°C, seguindo-se o mês de Agosto, com cerca de 38 ° C.

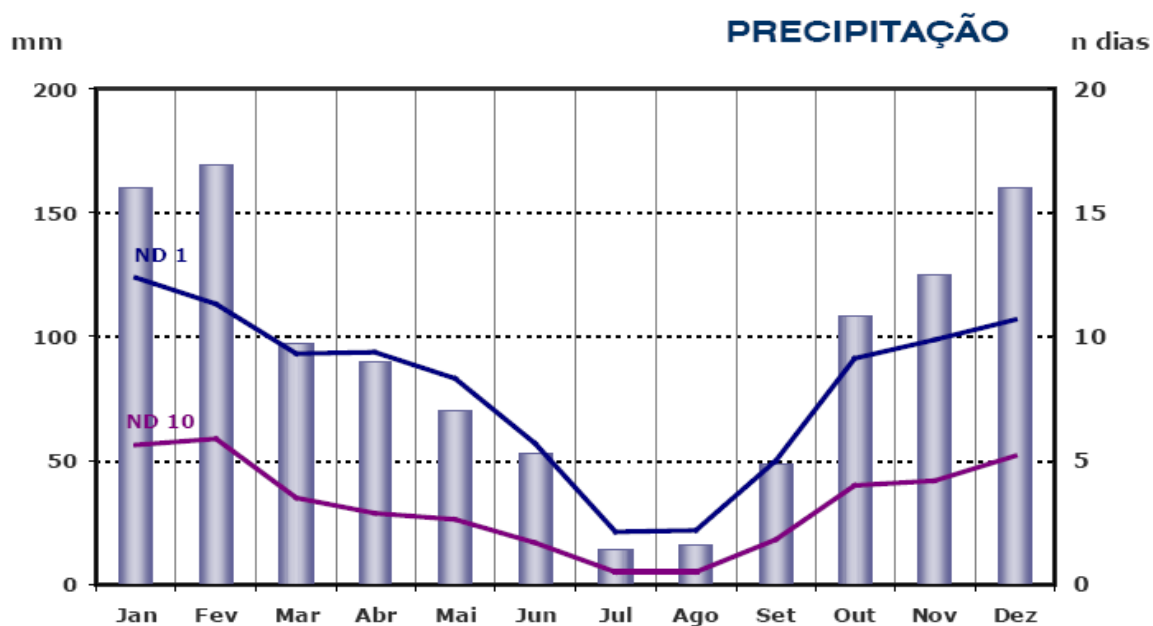


Gráfico 1 – Precipitação mensal no período de 30 anos

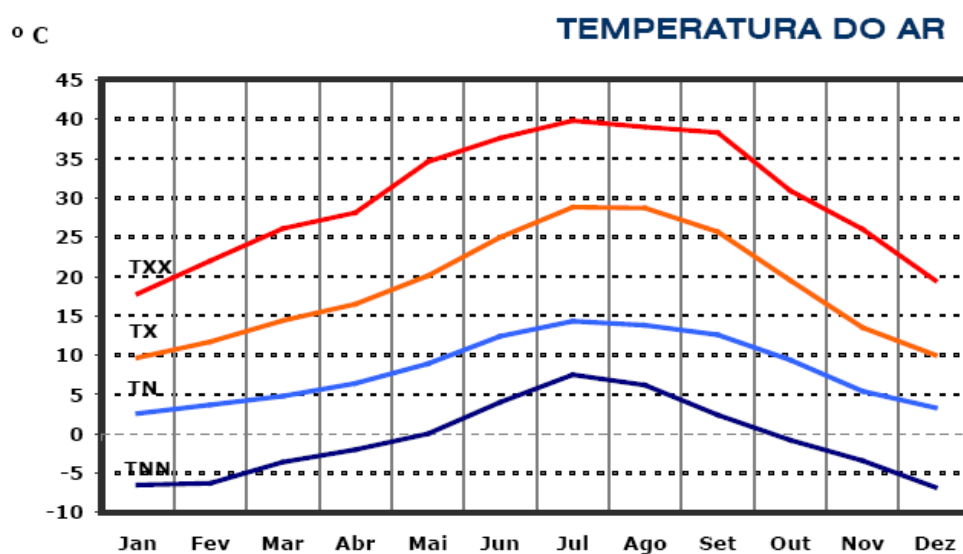


Gráfico 2 – temperatura do ar no período de 30 anos

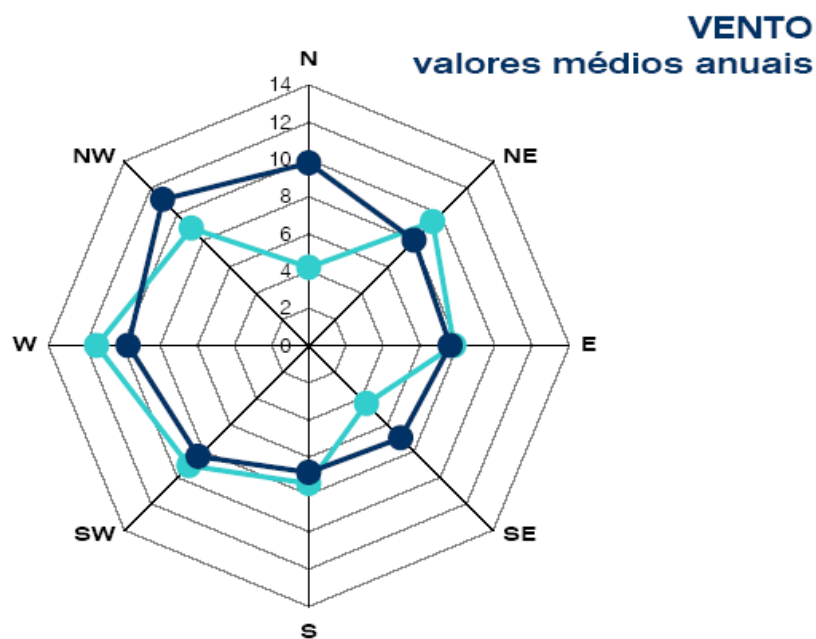


Gráfico 3 – Ventos médios anuais num período de 30 anos

Legenda:

Calma: 37 % —●— **Frequência (%)** —●— **Velocidade (km/h)**

Legenda da Precipitação e Temperatura:

TX Média da temperatura máxima (Graus Celsius)
 TN Média da temperatura mínima (Graus Celsius)
 TXX Temperatura máxima absoluta (Graus Celsius)
 TNN Temperatura mínima absoluta (Graus Celsius)
 ND 1 Número de dias oom preoipitação ≥ 1 mm
 ND 10 Número de dias oom preoipitação ≥ 10 mm

3- CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

**EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR FREGUESIA
DENSIDADE POPULACIONAL DO MUNICÍPIO
ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE – ÍNDICE DE
ENVELHECIMENTO
POPULAÇÃO POR SECTOR DE ACTIVIDADE
TAXA DE ANALFABETISMO**

CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

A informação contida neste capítulo é essencial para a fundamentação das opções a tomar no âmbito das acções de sensibilização, mas também para a identificação da tendência de ocupação dos espaços rurais que impliquem a acção de políticas de Defesa da Floresta Contra Incêndios (DFCI)

O município de Murça, comparativamente com a região onde se insere (Trás-os-Montes e Alto Douro - TMAD), não foge às tendências perceptíveis na região, onde a regressão demográfica é já um dado adquirido e constitui uma quase fatalidade para a maioria dos municípios que a constituem.

Na última década em particular, o município perdeu 619 habitantes (-8,4%). Este declínio demográfico, em grande parte justificado pelos elevados fluxos emigratórios ocorridos em décadas anteriores, nomeadamente na década de 60, associados a uma quebra da taxa de natalidade, acarretou, naturalmente, uma perda significativa do potencial demográfico do município, quer em termos absolutos, quer em termos do seu peso demográfico no contexto regional e nacional. Entre 1981 e 2001 Murça viu o seu peso demográfico reduzir de **6,9%** para **6,1%**, uma variação que embora ligeira, torna-se substancialmente importante se levarmos em linha de conta a dimensão populacional do município já de si reduzida e o seu enquadramento numa região que tem vindo igualmente a perder importância populacional na Região Norte e no Continente, revelando claramente a intensificação dos desequilíbrios Litoral/Interior e Rural/Urbano registados nas últimas décadas.

Analisando a variação demográfica das freguesias que constituem o município ao longo dos últimos 40 anos é perfeitamente visível a separação em três períodos distintos:

- Na década de 60 todas as freguesias perderam população; o município perdeu cerca de 28% da população total. Foi justamente neste período que se registaram no País as maiores taxas de emigração, afectando sobretudo os municípios das regiões mais interiores.

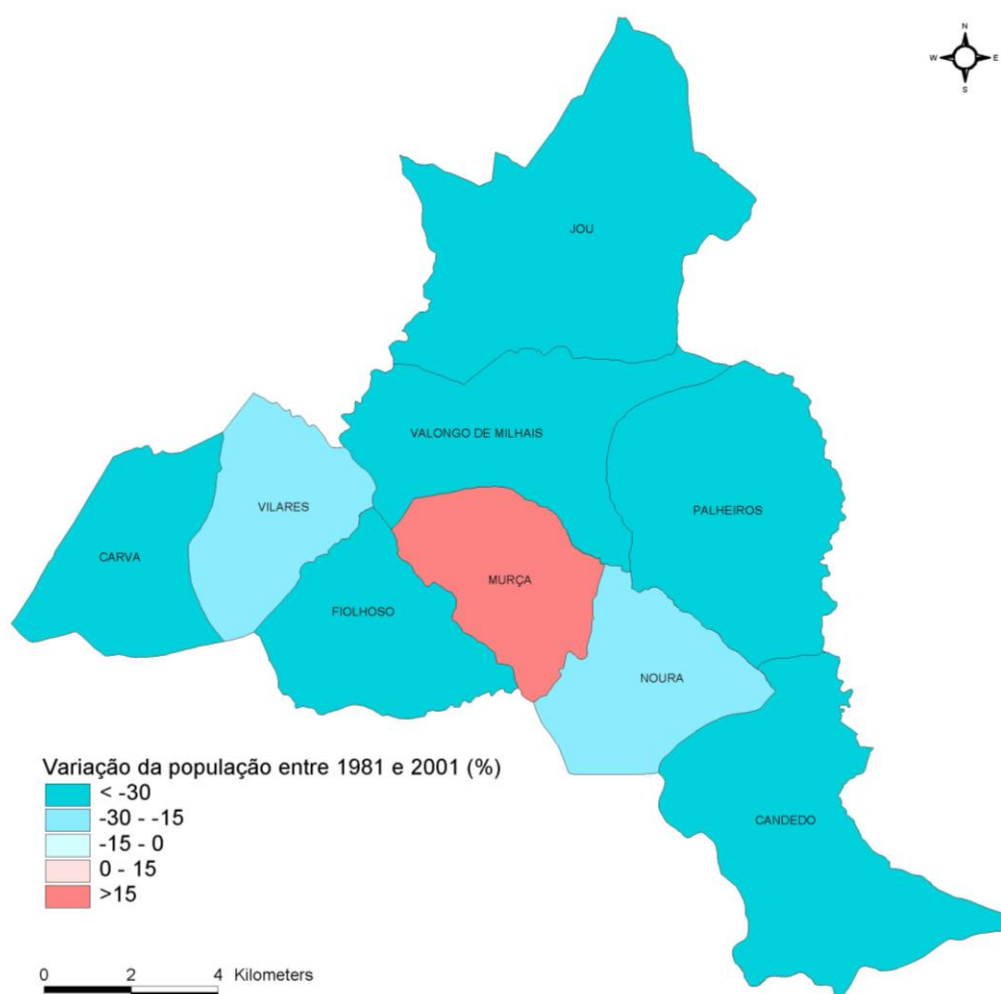
- Entre 1970 e 1981 a situação alterou-se um pouco: embora as emigrações para o estrangeiro registassem um abrandamento, o esvaziamento demográfico do Interior continuou a verificar-se. Começaram-se a registar, com grande intensidade, fenómenos de migração para as regiões litorais do nosso país e de concentração da população nas principais cidades da região (efeito de polarização). Ao nível do concelho a tendência é semelhante à da região: começa-se a registar um fenómeno de concentração populacional em torno da sede de concelho e das freguesias mais dinâmicas do município, nomeadamente aquelas que garantem melhores acessibilidades dado o seu atravessamento pelo IP4. As freguesias de **Jou e Valongo de Milhais**, justamente as mais periféricas do município (zona Norte), apresentaram variações negativas, ao contrário das restantes freguesias que cresceram nesta década.

- Nas últimas 2 décadas (1981-2001) este fenómeno de polarização continuou a registar-se embora com menor intensidade. As migrações de períodos anteriores, sobretudo das camadas mais jovens da população, levaram a um envelhecimento rápido da população bem como a uma quebra da taxa de natalidade, condicionando substancialmente a capacidade de renovação geracional do município. Os fenómenos de migração para centros urbanos e regiões mais atractivas afectaram agora praticamente todo o município; com excepção da freguesia de Murça, todas as freguesias perderam população, resultando daí uma perda de -20,7% da população total do município. Jou (-38,2%) e Valongo de Milhais (-37,7%) apresentam-se como as freguesias mais afectadas, mais uma devido aos níveis de acessibilidade viária menores face às restantes freguesias e talvez, no caso da segunda, devido à sua proximidade com a sede do município. Apesar de no mapa nº 11 haver referência a crescimento demográfico apenas em Murça, a evolução na última década (1991-2001) indica que só a freguesia de Vilares registou nos últimos 10 anos um aumento demográfico (+15%). Do mesmo modo, relativamente ao peso demográfico das freguesias no total do município, a concentração populacional na sede é evidente. Entre 1981 e 2001 apenas a freguesia de Murça

viu o seu peso demográfico aumentar. As restantes freguesias registaram diminuições no seu peso demográfico, sobretudo as freguesias mais periféricas do município.

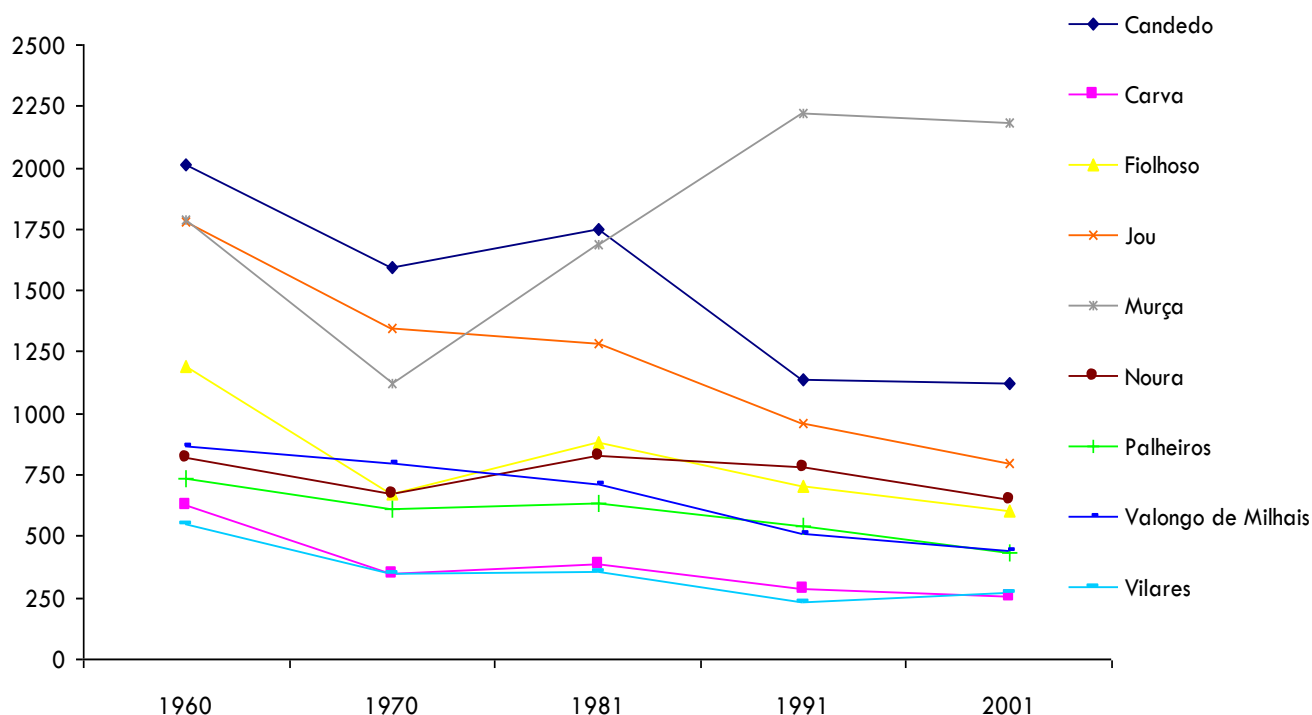
Estas freguesias (Jou, Valongo de Milhais, Carva) constituem as áreas do município em que a desertificação rural e o consequente despovoamento são mais evidentes. Sendo territórios relativamente isolados, fortemente condicionados pela baixa acessibilidade viária fruto de uma difícil orografia e afastados das principais vias intermunicipais – IP4 – assumem-se cada vez mais como territórios algo repulsivos, nos quais dificilmente se poderão reunir condições para uma inversão do declínio demográfico até então registado.

Murça encontra-se assim marcado, por uma dinâmica regressiva do ponto de vista demográfico bastante acentuada, apresentando decréscimos da população constantes de década para década, perdendo cerca de 35% (-3.612 habitantes) da sua população entre 1960 e 2001.



Mapa nº 11 – Variação da população entre 1981 e 2001

GRÁFICOS QUE TRADUZEM A EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR FREGUESIA



	1981	1991	2001	Var. 1991-2001	Var. 1991-2001(%)
Murça	8518	7371	6752	-619	-8.4%

Quadro n.º 3 – Evolução da população residente

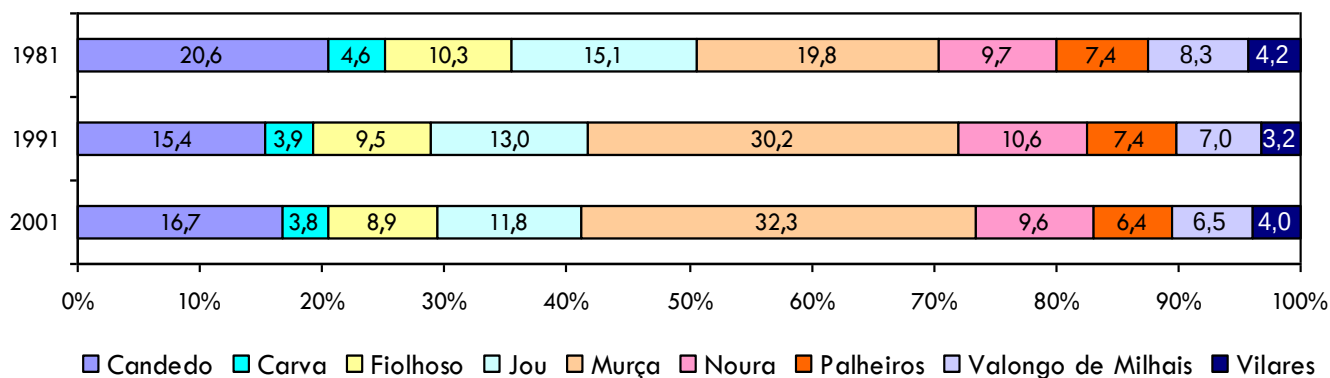


Gráfico n.º 5 – Variação do peso demográfico das freguesias (1981-2001)

DENSIDADE POPULACIONAL DO MUNICÍPIO

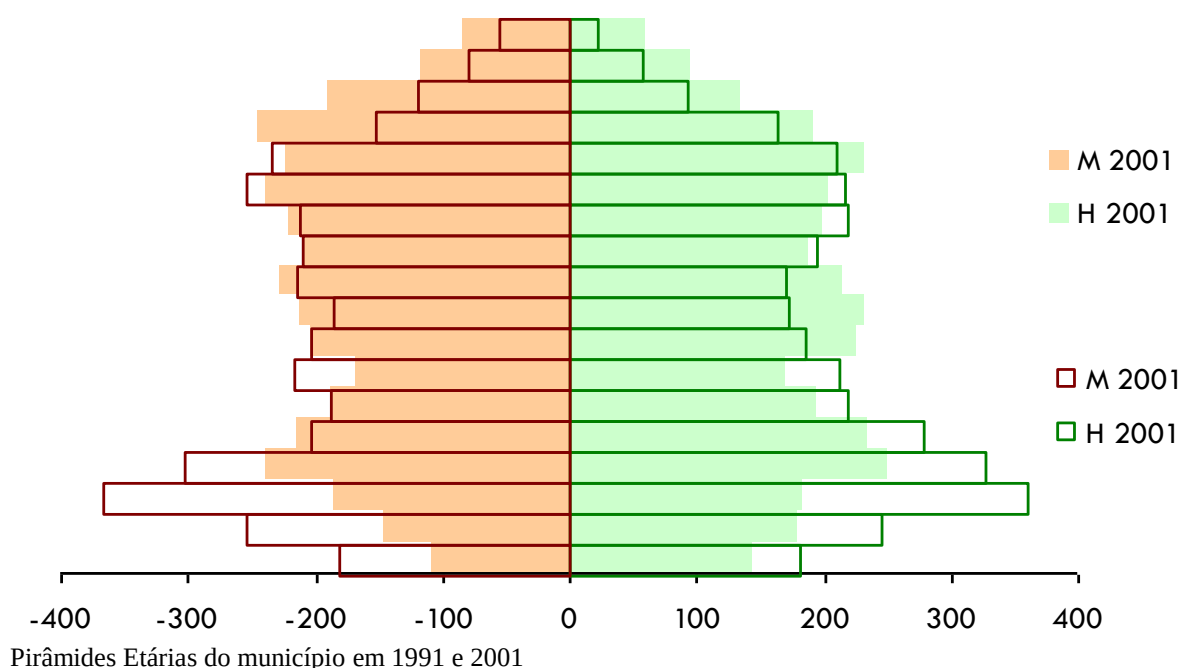
Municípios	Densidade Populacional em 1991	Densidade Populacional em 2001	Variação 1991-2001 (%)
Murça	39	36	-7.7%

Quadro 4-Densidades Populacionais do Município

A redução demográfica ocorrida originou inevitavelmente uma desertificação do território ocupado. A evolução da densidade populacional no município foi claramente negativa:., Murça apresenta assim em 2001 uma densidade populacional de 48 Hab/km2.

ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE – ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO

A estrutura etária de Murça revela, na última década, um elevado envelhecimento populacional com enormes dificuldades de renovação geracional que condicionam fortemente as tendências futuras do município em termos de crescimento demográfico. Esta problemática ocorre igualmente para o conjunto do território nacional com particular incidência nas regiões mais interiores do País. Este progressivo envelhecimento da população pode ser constatado através da análise comparativa das pirâmides etárias de 1991 e 2001, as quais permitem visualizar a evolução da distribuição da população por grupos etários, e os correspondentes índices demográficos.

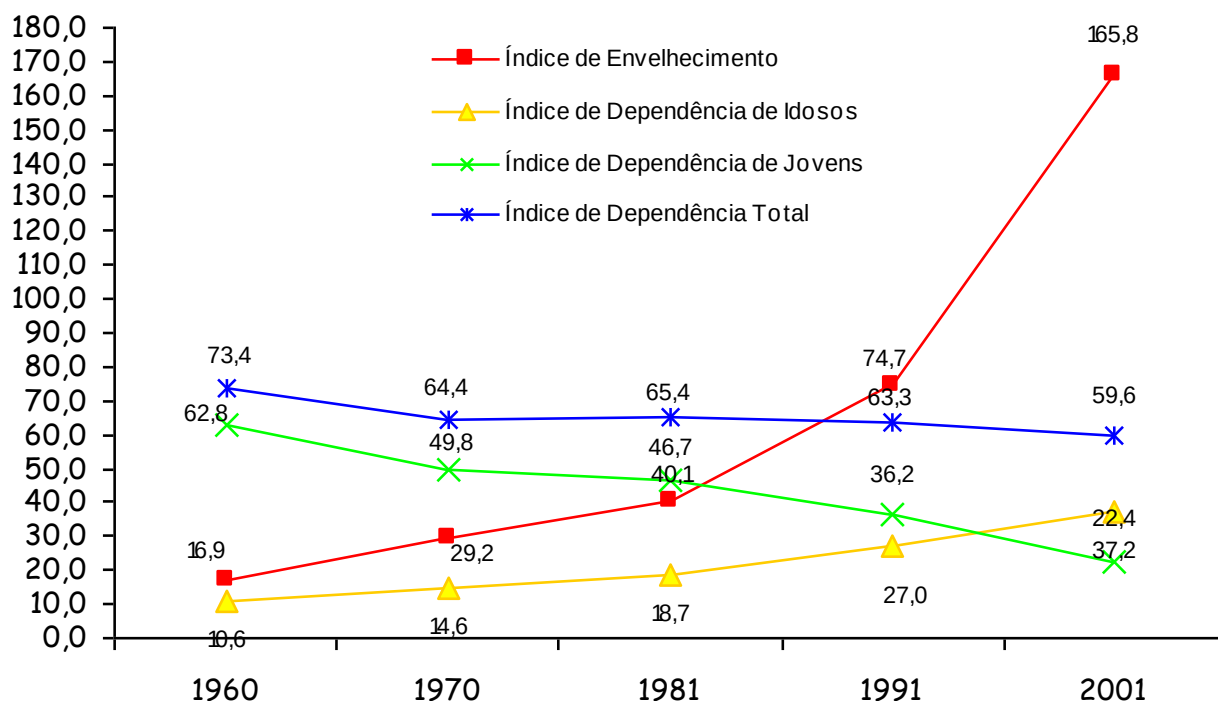


O processo de envelhecimento registado é claramente visível, quer pelo alargamento, do topo da pirâmide (aumento da população idosa) quer simultaneamente pela redução da base (redução das camadas jovens). Em termos quantitativos Murça registou na década de 90 uma perda de mais de 40% da população mais jovem (entre os 0 e os 14 anos) e um aumento superior a 28% das camadas mais idosas (com + de 65 anos). Analisando a pirâmide etária de 2001 verifica-se que o n.º de efectivos das classes 0 a 4 anos e 5 a 9 anos é claramente inferior à classe de efectivos dos mesmos quinquênios de 1991 o que demonstra a quebra acentuada da taxa e natalidade na década de 90.

Em 2001 regista-se uma realidade preocupante: os efectivos das camadas entre os 10 e os 19 anos registados em 1991 não foram transpostos para as camadas sobrejacentes em 2001, o que denota um elevado êxodo de jovens para fora do município, muito provavelmente devido ao baixo empreendedorismo da região e à falta de emprego atractivo para as camadas mais jovens da população.

A evolução dos índices demográficos apresentados no gráfico seguinte, confirmam logicamente esta tendência de envelhecimento.

O índice de dependência de jovens diminuiu para menos de metade nos últimos 40 anos, passando dos 62.8 registados em 1960 para 22.4 em 2001. No caso do índice de dependência de idosos a situação é inversa; o aumento absoluto do quantitativo de idosos, associado a um aumento da esperança de vida, levaram este valor a crescer bastante evoluindo de 10.6 para 37.2 nas últimas quatro décadas. Gráfico 6 – Evolução dos índices demográficos de Murça



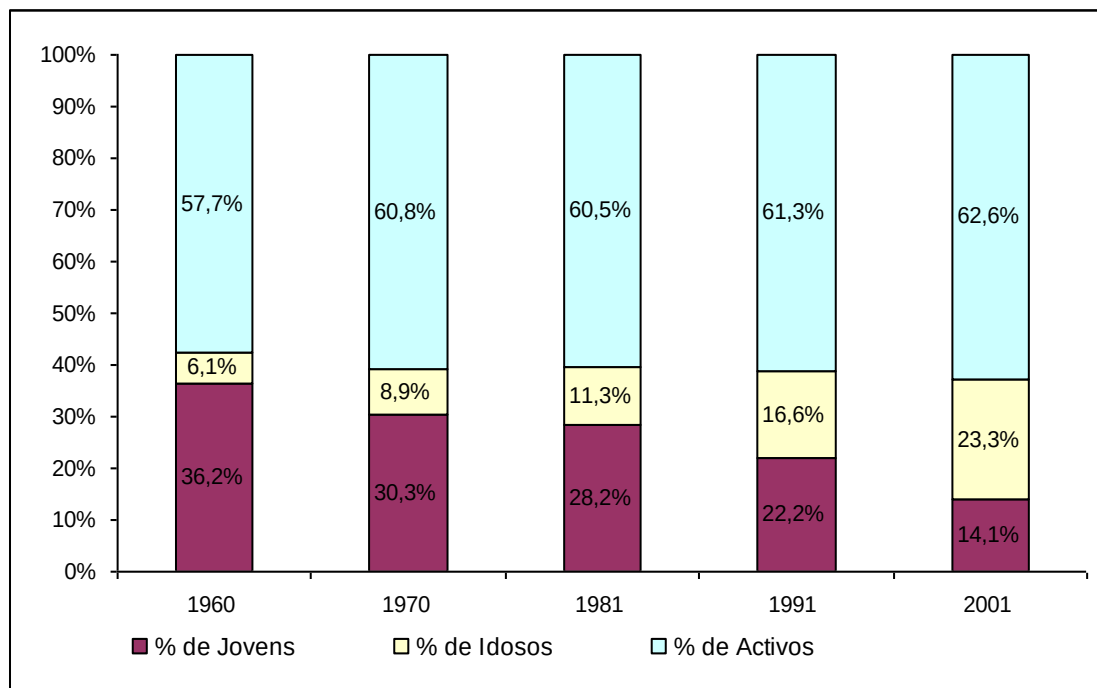


Gráfico n.º 7 - Evolução etária da população do município de Murça (1960-2001)

Os gráficos seguintes apresentam a distribuição por grandes grupos etários da população por freguesia em 1991 e 2001 e permitem perceber onde é que esta tendência demográfica é mais notória no território municipal. Em 1991 cerca de 46% da população jovem, i.e., com menos de 15 anos residia nas freguesias mais populosas nomeadamente a sede de município e a freguesia de Candedo, verificando-se o mesmo ao nível da população activa. No outro extremo situavam-se as freguesias de Vilares, Carva e Valongo de Milhais que apresentavam em 1991 muito poucos efectivos populacionais quer de jovens, quer de activos.

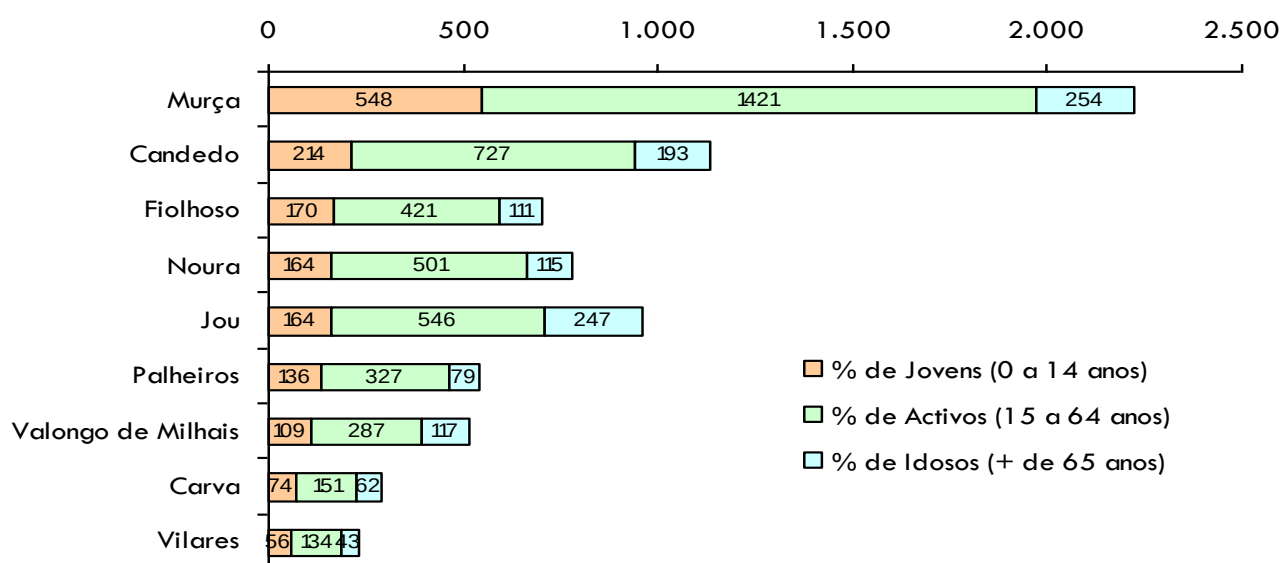


Gráfico n.º 8 – População por grandes grupos etários por freguesia em 1991

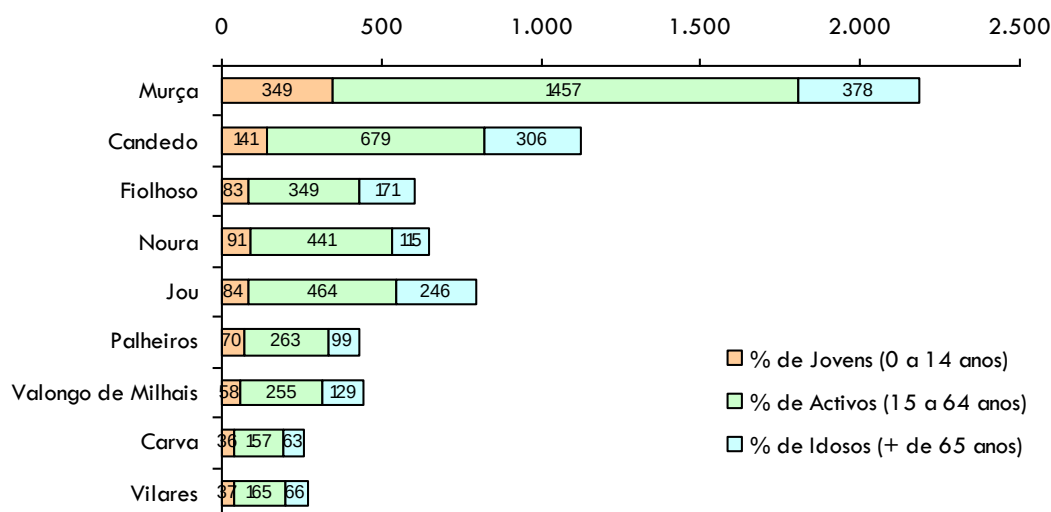


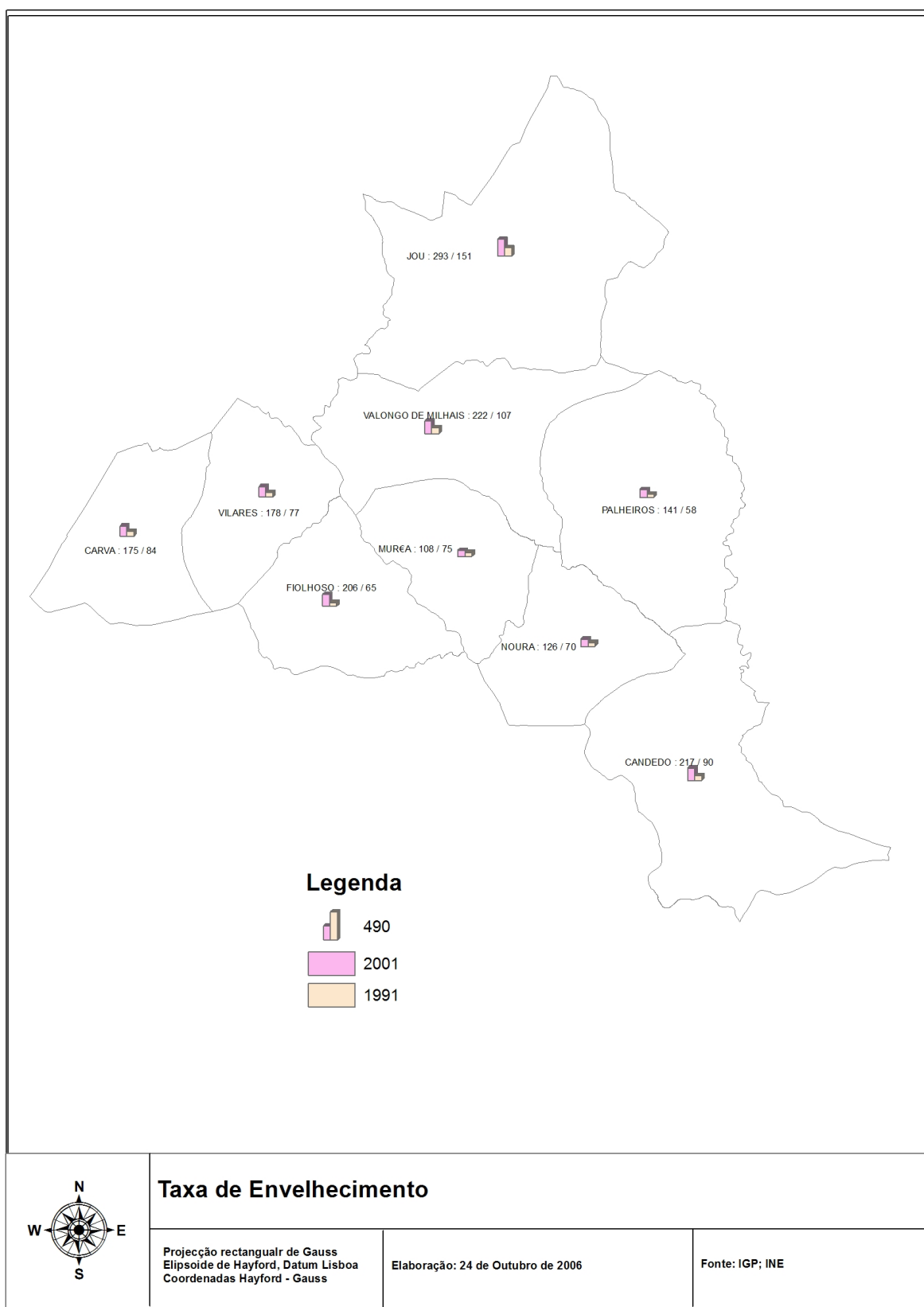
Gráfico n.º9 – População por grandes grupos etários por freguesia em 2001

Em 2001 a situação agravou-se um pouco; as freguesias menos populosas, embora mantivessem um quantitativo aproximado de activos durante a década, registaram grandes perdas de população nas camadas jovens, levando a um acentuado envelhecimento global da população dessas freguesias.

Este envelhecimento das freguesias mais “periféricas” do município resultou do êxodo de população jovem para outros territórios em busca de novas e diferentes oportunidades de emprego, bem diferentes das reduzidas e pouco atractivas oportunidades que encontravam nas suas freguesias de naturalidade. Esta migração de jovens não ocorreu no entanto no sentido de uma concentração em torno da sede de município ou das freguesias na envolvente do IP4; de facto até mesmo essas freguesias sofreram elevadas quebras nas camadas mais jovens da sua população.

Ao nível da população idosa, a evolução da última década reflecte um aumento dos efectivos em todas as freguesias (em 1991 as freguesias apresentavam em média 17% de população com mais de 65 anos e em 2001 esse valor atinge já os 25%) com particular destaque para as freguesias de Vilares, Fiolhoso e Candedo que duplicaram o seu valor de idosos.

Em suma, conclui-se que a composição etária de Murça é desequilibrada e que os principais desafios que se colocam no futuro são o do combate ao progressivo envelhecimento da população, devendo para tal o município dotar-se de condições de vida e de dinâmicas sócio-económicas capazes de estimular a fixação das camadas jovens residentes.



Mapa nº 12 – Taxa de Envelhecimento

POPULAÇÃO POR SECTOR DE ACTIVIDADE

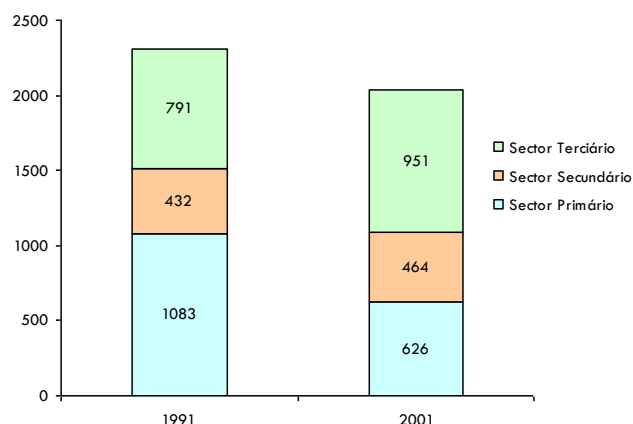


Gráfico n.º 10 - População Activa por Sector de Actividade

Quando analisada a estrutura de emprego desagregada por ramos de actividade económica a imagem de município substancialmente primário é notória. Em 2001, mais de 40% da população empregada encontra-se associada à agricultura, nomeadamente a viticultura e olivicultura. Num segundo grupo de importância, destacam-se os trabalhadores da construção civil (15%) e os trabalhadores associados a administração pública (8%).

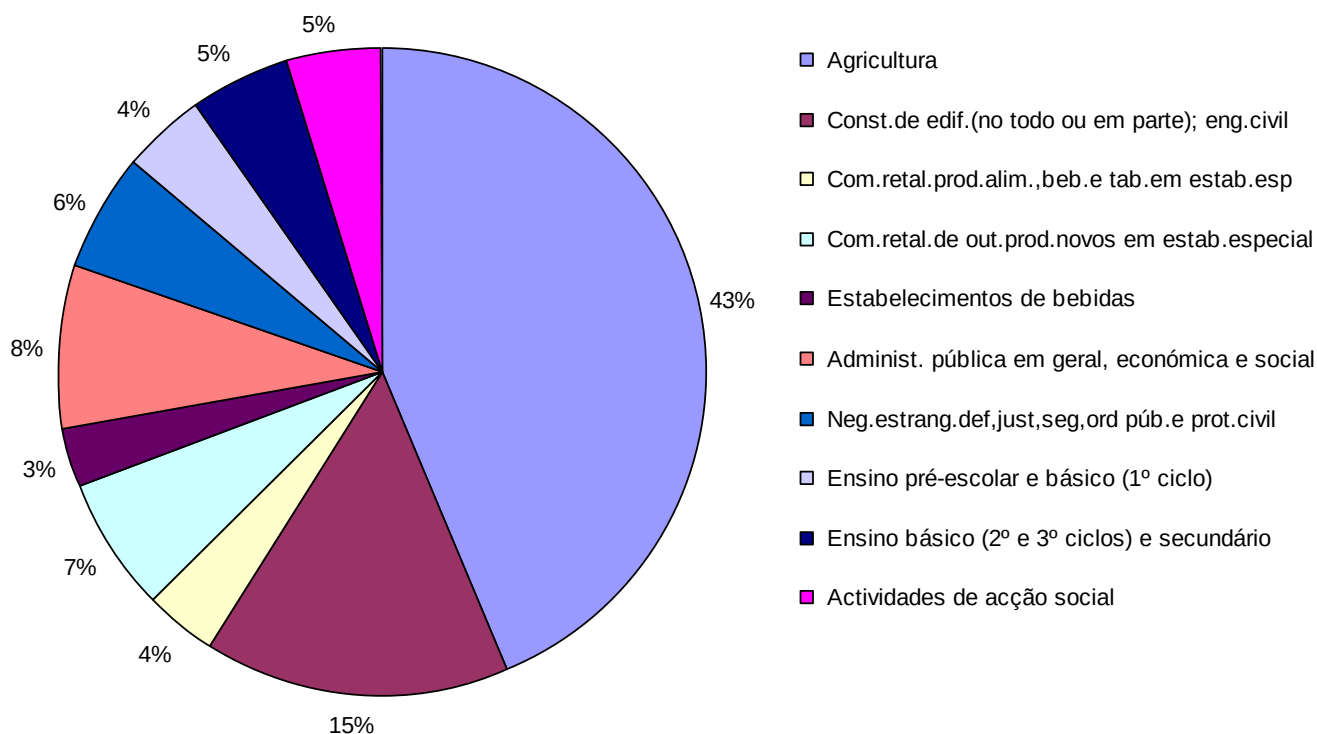


Gráfico n.º 11 - População empregada por Ramos de Actividade Económica – 2001

A agricultura continua assim a desempenhar um papel social e económico preponderante no município. O indicador de ***mão-de-obra agrícola permanente por 100 habitantes*** apresentava

em 1999 o valor de **57,9**. Contudo, esta importância tem vindo a decrescer significativamente nos últimos anos, reflexo das profundas e complexas mudanças que atingiram o sector – das quais podemos destacar a perda de rendimento das actividades agrícolas em relação a outros sectores de actividade.

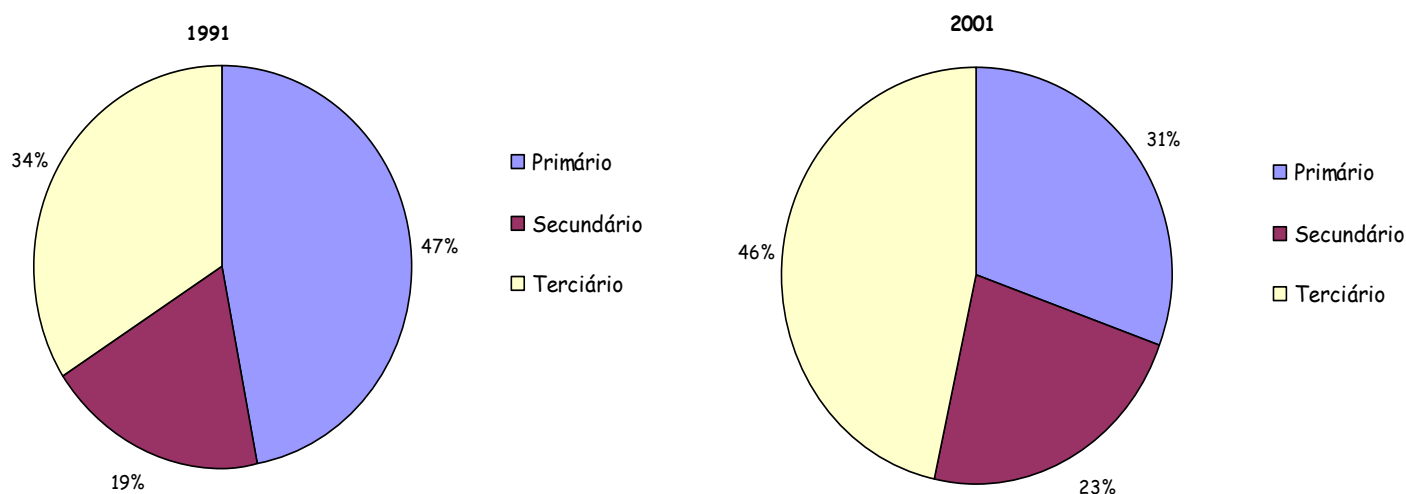


Gráfico n.º 12 - População empregada por sector de actividade (1991 e 2001)

Desagregando a informação sobre o n.º de empregados por grupos de profissões no município de Murça constatamos uma manutenção do acentuado peso que as actividades agrícolas detêm no município embora o decréscimo nos últimos anos tenha sido bastante significativo; o peso dos agricultores passou de 41,2% em 1991 para menos de 25% do total da mão-de-obra concelhia em 2001.

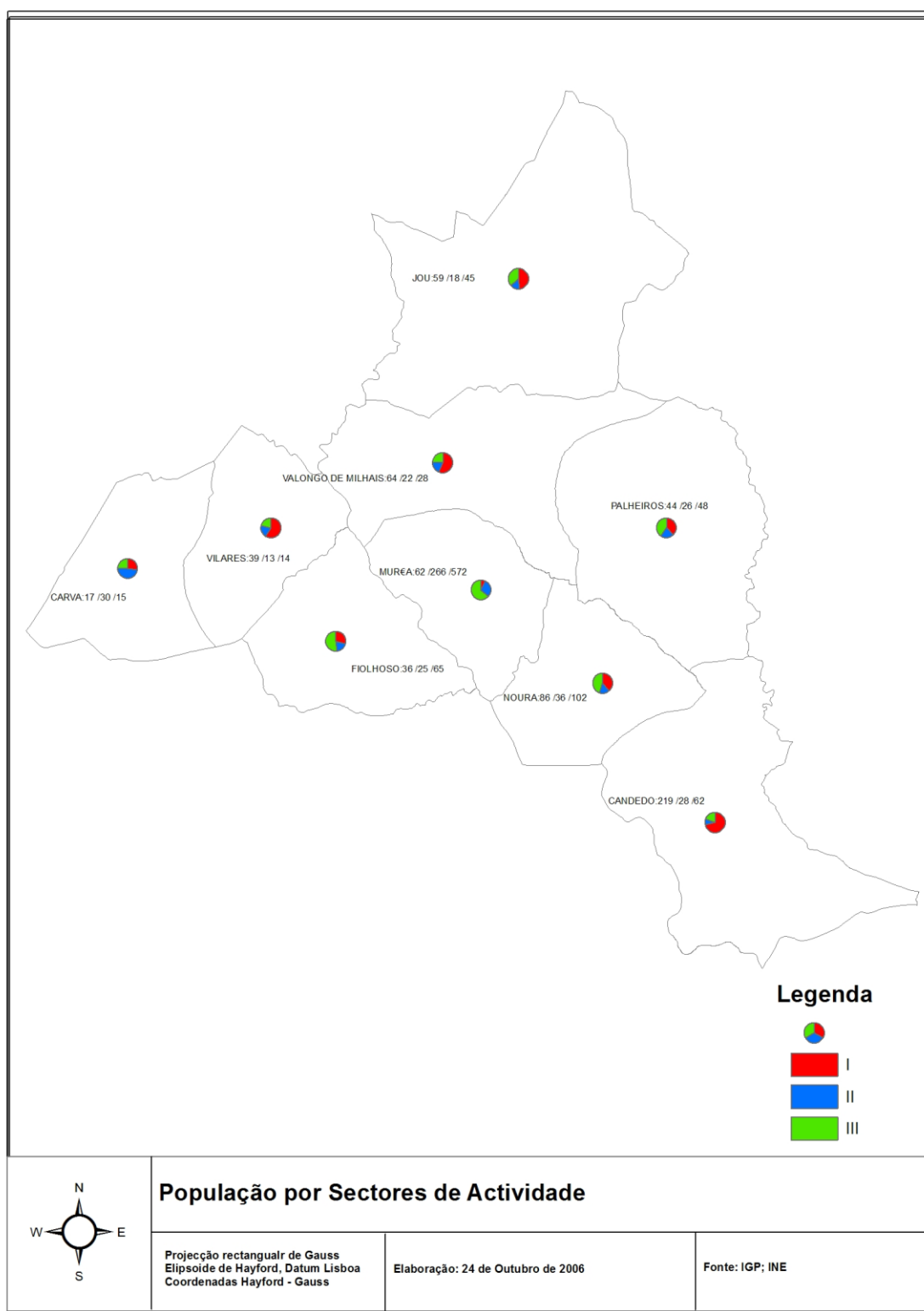
De notar no uma evolução negativa ao nível do n.º de trabalhadores sem qualificação que registou um ligeiro aumento passando dos cerca e 16% em 1991 para aproximadamente 19% em 2001. Esta quebra das actividades agrícolas é em parte reflexo das profundas e complexas mudanças que atingiram o sector, nomeadamente a perda de rendimento das actividades agrícolas em relação a outros sectores de actividade como os grupos de profissões mais terciários (técnicos profissionais de nível intermédio, pessoal dos serviços e vendedores, pessoal administrativo e similares, etc.) que viram assim o peso percentual no concelho aumentar nos últimos anos.

Uma análise da população activa ao nível das freguesias permite-nos constatar que os territórios com maior peso do sector terciário situam-se na zona central do município, salientando-se destas a sede de concelho Murça, que obviamente concentra um conjunto de equipamentos e serviços que absorvem grande parte dos activos locais e até mesmo das freguesias circundantes como se pode constatar pelos valores registados nas freguesias de Fiolhoso e Palheiros, (ver mapa 13).

POPULAÇÃO DESEMPREGADA POR FREGUESIA

DESIGNAÇÃO	Total de Residentes	Indivíduos residentes empregados		Indivíduos residentes desempregados à procura do 1º emprego		Indivíduos residentes desempregados à procura de novo emprego		Indivíduos residentes sem actividade económica	
	Nº	Nº	%	Nº	%	Nº	%	N	%
CANDEDO	1126	309	27,4%	21	1,9%	26	2,3%	770	68,4%
CARVA	256	62	24,2%	9	3,5%	11	4,3%	174	68,0%
FIOLHOSO	603	126	20,9%	9	1,5%	15	2,5%	453	75,1%
JOU	794	122	15,4%	13	1,6%	45	5,7%	614	77,3%
MURÇA	2184	900	41,2%	24	1,1%	39	1,8%	1221	55,9%
NOURA	647	224	34,6%	4	0,6%	16	2,5%	403	62,3%
PALHEIROS	432	118	27,3%	9	2,1%	7	1,6%	298	69,0%
VALONGO DE MILHAIS	442	114	25,8%	0	0,0%	1	0,2%	327	74,0%
VILARES	268	66	24,6%	0	0,0%	3	1,1%	199	74,3%
MURÇA	6752	2041	30,2%	89	1,3%	163	2,4%	4459	66,0%

Quadro n.º 5 - População desempregada por freguesia



Mapa nº 13 – População por sector de actividade

NÍVEIS DE INSTRUÇÃO: ÍNDICES DE ANALFABETISMO ELEVADOS

O concelho de Murça apresenta uma estrutura de emprego bastante débil, baseada em mão-de-obra com baixo nível de habilitações e pouco qualificada. A taxa de analfabetismo do concelho sofreu mesmo um aumento, ainda que ligeiro, entre 1991 e 2001 (os 18,6% de 1991 aumentaram para 19,2% em 2001) continuando assim algo elevada comparativamente a outros municípios da região.

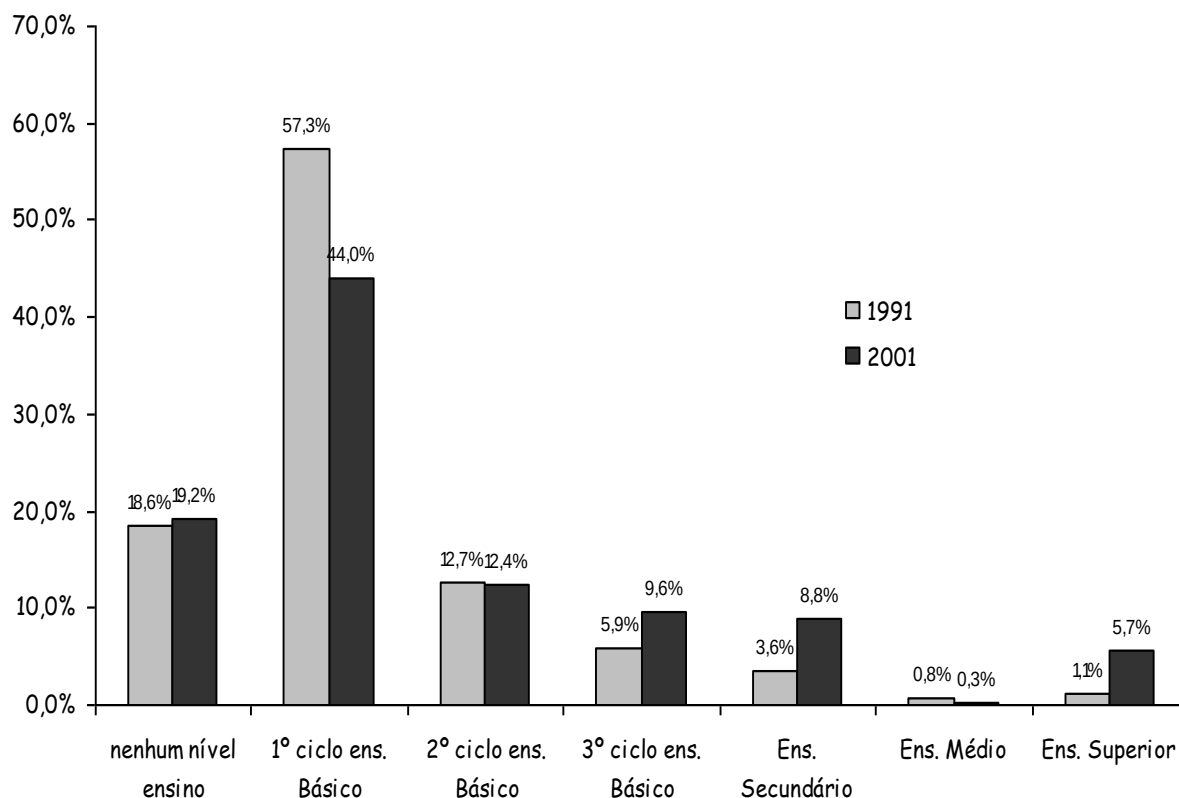


Gráfico n.º 13 - População residente por nível de instrução (1991 e 2001)

Analisando o gráfico anterior relativo ao nível de escolarização da população residente em Murça e a sua evolução entre 1991 e 2001, é possível apercebermo-nos dessa problemática. A população sem qualquer grau de ensino representa ainda em 2001 uma elevada fatia dos residentes (cerca 19% da população total) e, em conjunto com residentes que detêm apenas o 1º ciclo totalizam mais de 63% da população residente.

Por outro lado, salienta-se o facto de que, ao nível dos ensinos mais elevados, nomeadamente o ensino secundário e superior, os níveis de escolarização do município registaram um aumento significativo, facto que está obviamente relacionado com a terciarização do emprego e que poderá indiciar uma inversão, ainda que lenta, das tendências futuras dos níveis de escolarização do município.

Em conclusão, Murça contém uma estrutura activa composta na sua maioria por uma população com baixos níveis de habilitações e com níveis de qualificação profissional muito limitados e inferiores às necessidades económicas, conduzindo a um fraco dinamismo empresarial e empreendedor.

4 – CARACTERIZAÇÃO DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO E ZONAS ESPECIAIS

**USO E OCUPAÇÃO DO SOLO
POVOAMENTOS FLORESTAIS
ÁREAS SUJEITAS A REGIME FLORESTAL
ZONAS DE CAÇA
ROMARIAS E FESTAS**

CARACTERIZAÇÃO DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO E ZONAS ESPECIAIS

Procedeu-se à correcção e reclassificação da Carta de Ocupação do Solo 1990 (COS'90) à escala 1:25000 que permite não só o conhecimento dos usos dominantes, actualmente existentes no concelho, como também realizar uma análise da evolução do território por comparação.

A correcção e actualização das diferentes manchas foram feitas recorrendo à foto interpretação do voo de 2002. Foi necessário reclassificar as áreas de ocupação do solo da COS'90 para uma nomenclatura baseada em grandes usos que facilitasse uma interpretação do concelho, tendo por base um conjunto de correspondências estabelecidas após a análise das ocupações dominantes. Deste modo produziu-se uma Carta de Ocupação do Solo Actual menos detalhada, mas que pode ser utilizada no processo de planeamento, adaptando-se à realidade concelhia. Assim, a nomenclatura usada na COS'90 foi agrupada em sete classes generalistas de ocupação do solo de interesse para a revisão do PMDFCI: Floresta, Incultos, Vinha, Olival, Outras Culturas, superfícies com água e Espaços Urbanos.

CARACTERIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO DO SOLO POR GRANDES USOS

Observando a Carta de Ocupação do Solo Actual do concelho (ver mapa n.º 14) podemos verificar que as classes dominantes são a Floresta, os Incultos e a Vinha. A Norte e Oeste, em altitudes elevadas e de transição para o clima mais frio dominam os Incultos e a Floresta. Na direcção Noroeste-Sudeste em altitudes inferiores a 500 m, e com clima mais quentes, a Vinha é dominante e encontra-se praticamente incluída na Região Demarca do Douro (RDD). Os povoamentos florestais encontram-se distribuídos maioritariamente em zonas de altitude superiores a 500 metros com clima de influência sub-atlântica, sendo mais expressiva nas freguesias de Jou, Palheiros e Valongo de Milhais. O pinheiro-bravo, sendo a espécie dominante é conduzido na região essencialmente com o objectivo de produção de madeira ou lenha. Os povoamentos mistos de resinosas (pinheiro-bravo) e folhosas (sobreiro, eucalipto e castanheiro) são também muito abundantes, sendo na maioria dos casos o pinheiro-bravo a espécie dominante. Estes povoamentos contribuem para o aumento da biodiversidade, criando habitats para refúgio e alimentação de outras espécies. As folhosas fornecem ainda madeira de qualidade e produtos com interesse comercial como a castanha e a cortiça.

Os Incultos representam estruturas vegetais variadas que abrangem estratos arbustivos e herbáceos. Podem ser compostos por matos, floresta degradada ou em transição, áreas incendiadas recentemente, campos agrícolas abandonados (ex. mortórios) ou ainda áreas sem coberto vegetal, em alguns casos, em condições de terem uma regeneração florestal com espécies espontâneas. A área de incultos é muito elevada no concelho sendo as freguesias de Carva, Jou, Palheiros e Valongo de Milhais as que possuem manchas mais extensas.

A cultura da vinha tem maior representatividade nas freguesias incluídas na Região Demarca do Douro, nomeadamente, Murça, Noura e Candedo. A vinha consociada com olival implantado na bordadura dos campos ou disperso pelos campos de vinha em pequenas parcelas tem representatividade no concelho. Trata-se de um cultivo tradicional da vinha em socalcos ou geios suportados por muros de pedra, designados por calços, mais ou menos distanciados em função do declive.

A classe Olival definida na Carta corresponde a áreas contínuas localizadas nas extremas da área de vinha, não estando incluída a área de olival que formam bordaduras de vinha referido anteriormente. As manchas desta cultura encontram-se apenas nas freguesias de Candedo, Jou, Murça, Noura, Palheiros e Valongo de Milhais, correspondendo a áreas expressivas apenas em Candedo e Murça.

A classe Outras Culturas abrange essencialmente culturas anuais de regadio e sequeiro associadas às culturas permanentes (vinha ou olival) ou aos povoamentos florestais e de fruto (ex: amendoeiras e castanheiros). Situadas nas proximidades dos aglomerados urbanos, estas culturas têm pouca expressão comercial sendo explorados para consumo próprio ou abastecimento local de produtos hortícolas e frutícolas frescos de qualidade razoável. As freguesias de Jou, Palheiros e Valongo de Milhais registam as maiores áreas, no entanto, e proporcionalmente à área de cada freguesia, Carva e Fiolhoso também apresentam grande dependência por estas culturas.

As actividades humanas possuem um papel preponderante na alteração do território mas são desenvolvidas sobre certas condicionantes naturais. Envolvem assim uma adaptação ao meio com base nos recursos disponíveis, construindo um mosaico territorial diversificado. Apesar da diversidade das formas de ocupação é possível agrupá-las segundo usos dominantes que se baseiam nas condicionantes naturais. Deste modo, e apesar da complexidade da informação ter aumentado grandemente, ainda é possível seguir uma linha orientadora que vem desde as unidades geomorfológicas.

Assim e tendo em conta o anteriormente exposto é possível identificar zonas eminentemente florestais que se podem associar a uma aptidão agrícola mais baixa derivada da altitude, das pendentes elevadas ou da presença de solos menos ricos. A floresta e os matos são dominantes, existindo áreas de interesse natural. À medida que se vai descendo de altitude a presença humana é mais elevada, surge uma zona de transição agro-florestal onde os campos agrícolas policulturais se alternam com manchas florestais de pinheiro-bravo com castanheiro e sobreiro.

As grandes zonas agrícolas são as mais povoadas, apresentando culturas importantes a nível local nas veigas ribeirinhas, essencialmente hortícolas para auto-consumo e algumas espécies fruteiras e pastos. Nos terrenos ondulados a vinha é dominante, intercalada com o olival, por vezes com proporções consideráveis em determinadas áreas. A rentabilidade da cultura da vinha leva a que haja uma tendência de monocultura.

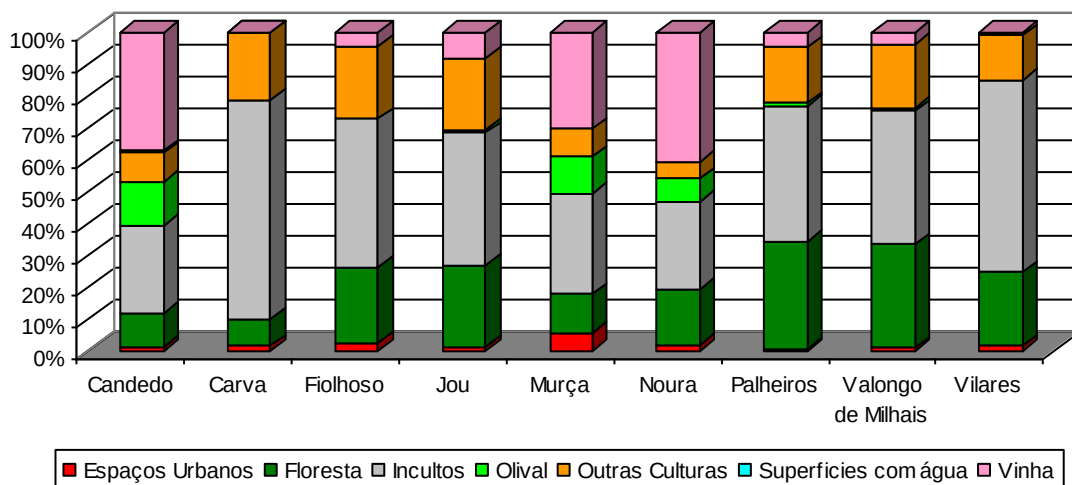


Gráfico n.º 14 - Ocupação do Solo por Freguesia (2002)

A floresta é imprescindível para o desenvolvimento das regiões. Contribui para a economia, preservação da biodiversidade, ordenamento do território e é um complemento do sistema agrário. Apesar de nos últimos anos ter sofrido uma redução significativa devido aos incêndios, continua a constituir um recurso importante, ocupando em 2002 uma área de 4165ha do concelho.

A presença de área florestada faz-se sentir principalmente nas freguesias a Norte do concelho, Jou com 954ha de área, Palheiros com 905ha e Valongo de Milhais com 715ha, destacam-se das restantes.

A floresta pode ter função de produção ou de protecção. As vantagens da sua presença poderá variar nas seguintes características:

- ❖ - Desenvolvimento e protecção do solo,
- ❖ - Suporte da vida selvagem,
- ❖ - Produção de matérias-primas,
- ❖ - Regularização dos cursos de água e protecção dos recursos hídricos em geral,
- ❖ - Valorização das paisagens.

Com vista a concretizar as funções de exploração e conservação referidas anteriormente, foram definidos perímetros florestais que correspondem a terrenos de utilidade pública.

Relativamente às espécies existentes, o pinheiro-bravo é a espécie dominante ocupando cerca de 4000ha. Este possui uma utilização tradicional centrada na exploração dos matos, das lenhas, da resina e da madeira para uso próprio ou industrial. Os povoamentos de eucalipto têm grande importância na produção de madeira, com diversos usos, como o fabrico de pasta de papel e a extracção de óleos essenciais das folhas com propriedades balsâmicas e antissépticas. Por outro lado, as matas de eucalipto exercem uma influência desfavorável sobre a vegetação natural e o solo das zonas onde foram instaladas.

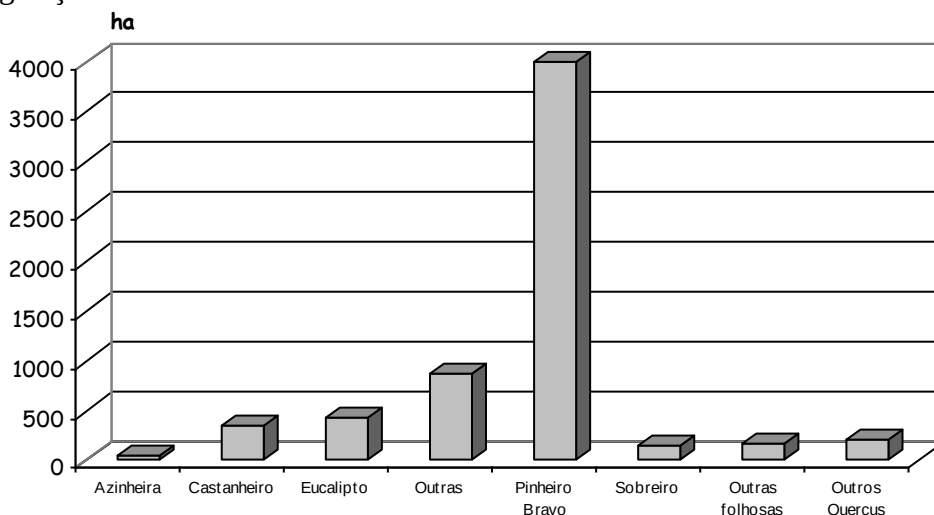


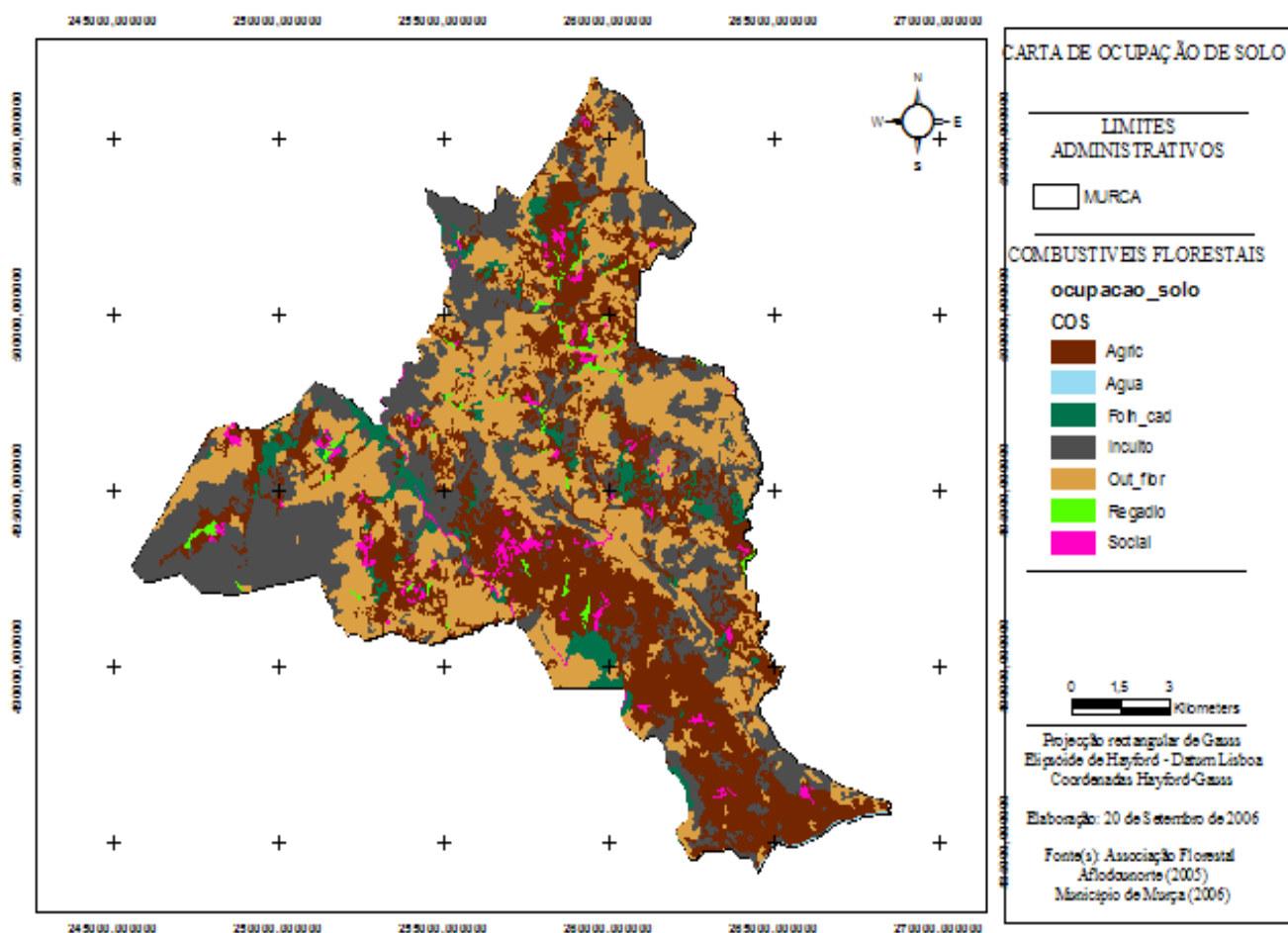
Gráfico n.º 15 Área Florestada

As espécies florestais autóctones, nomeadamente castanheiros e carvalhos, com elevado valor económico e ambiental, fornecem madeira de qualidade com vista a utilizações mais nobres. Importa realçar o facto do castanheiro ser uma cultura importante não só pela produção de madeira, mas também pela própria castanha, base da alimentação das populações rurais do interior norte até ao séc. XIX. Actualmente a batata e os cereais ocupam a sua posição na dieta alimentar. O preço praticado pela madeira incentiva ao abate de extensas áreas de souto, apesar de uma percentagem, causa também para o seu declínio, estar relacionada com doenças associadas à espécie. Os frutos do carvalho são utilizados como alimento para porcos ou para a alimentação de gado e nas épocas do ano em que o pasto escasseia.

Embora com pouca representatividade no concelho, a principal utilização dada ao sobreiro é a produção de cortiça, a sua madeira dura e compacta difícil de trabalhar tem pouco valor para a carpintaria e marcenaria.

A área de incultos é bastante significativa (7946ha) quando comparado com a área florestada, sendo os incêndios, como já foi referido, a principal causa, provocando a perda de biodiversidade e o aumento da erosão em áreas declivosas. As áreas onde se verifica a

regeneração com espécies espontâneas podem ter diversos aproveitamentos pela comunidade local, através das várias actividades como a pastorícia e a caça.



Mapa nº 14 – Ocupação de Solo

DINÂMICAS DE OCUPAÇÃO DO SOLO

Podemos afirmar que a exploração da aptidão natural do território, com base na racionalização de critérios biofísicos (morfologia do terreno, solos, exposição de vertentes e ocupação do solo), contribuiu para uma reflexão sobre as ocupações actuais ao nível dos seus impactes na paisagem e a capacidade intrínseca do território relativamente a ocupações futuras, onde a sobrevivência das paisagens dependem da importância que lhes é atribuída no projecto e construção do futuro.

EVOLUÇÃO DA OCUPAÇÃO DO SOLO

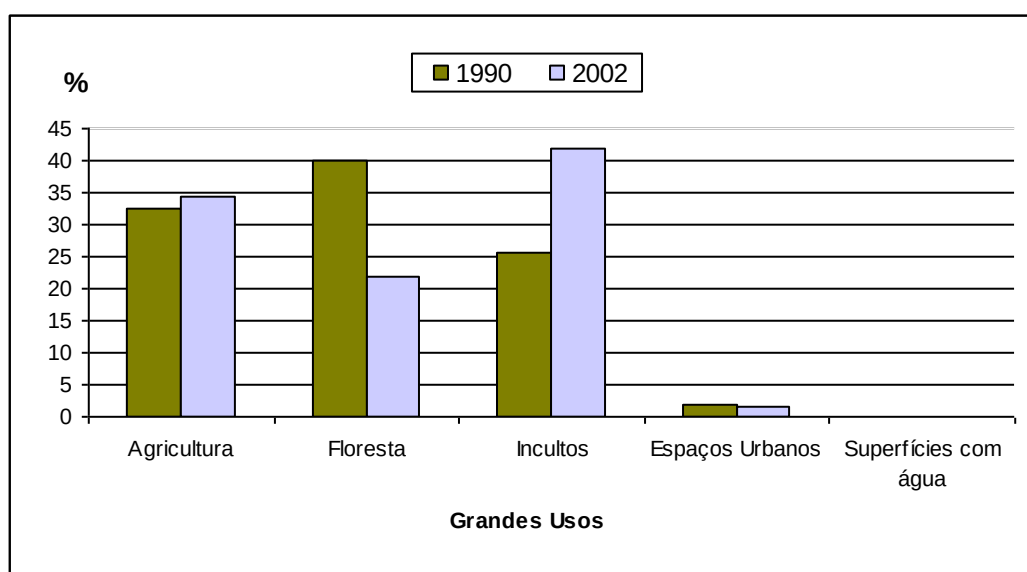
A comparação entre a COS'90 e a Carta de Ocupação do Solo Actual permitiu a análise e quantificação da evolução das diferentes classes generalistas de uso do solo criadas.

A agricultura e a floresta sendo as principais ocupações do solo do concelho, representam também os principais sectores de transformação e evolução do território. No seguimento desta tendência verificou-se que a área agrícola aumentou em cerca de 358ha, devido sobretudo ao

aumento da área de vinha, e a área de incultos teve um aumento significativo de aproximadamente 3068ha muito a custa da redução da área de floresta.

Grandes Classes de usos	Área (ha)		Área (%)	
	1990	2002	1990	2002
Agricultura	6129	6487	32	34
Floresta	7584	4165	40	22
Incultos	4878	7946	26	42
Urbano ¹	330	323	2	2
Superfícies com água ¹	18	18	0,1	0,1

Quadro n.º 6 - Variação da área ocupada pelas diferentes classes.



- Gráfico n.º 16 - Áreas percentuais dos Grandes Usos 1990-2002

A dinâmica no sector agrícola deve-se à influência dos seguintes agentes:

- ❖ - A monocultura vitícola, muito dependente da procura externa;
- ❖ - As oscilações da produtividade (onde as alterações climáticas são influentes);
- ❖ - A concorrência de produtos de diferentes origens;
- ❖ - Os movimentos migratórios e o envelhecimento da população agrícola sem instrução e formação profissional que afectam a mão-de-obra tornando-a cada vez mais escassa e cara.

O aumento da vinha em cerca de 405ha deu-se maioritariamente nas freguesias de Candedo, Murça e Noura. Estas três freguesias encontram-se totalmente incluídas na RDD com clima de influências marcadamente mediterrânicas (verões quentes e secos) com condições óptimas para a instalação deste tipo de cultura. A expansão da vinha ocorreu pela substituição de áreas anteriormente ocupadas por outras culturas agrícolas, floresta e incultos.

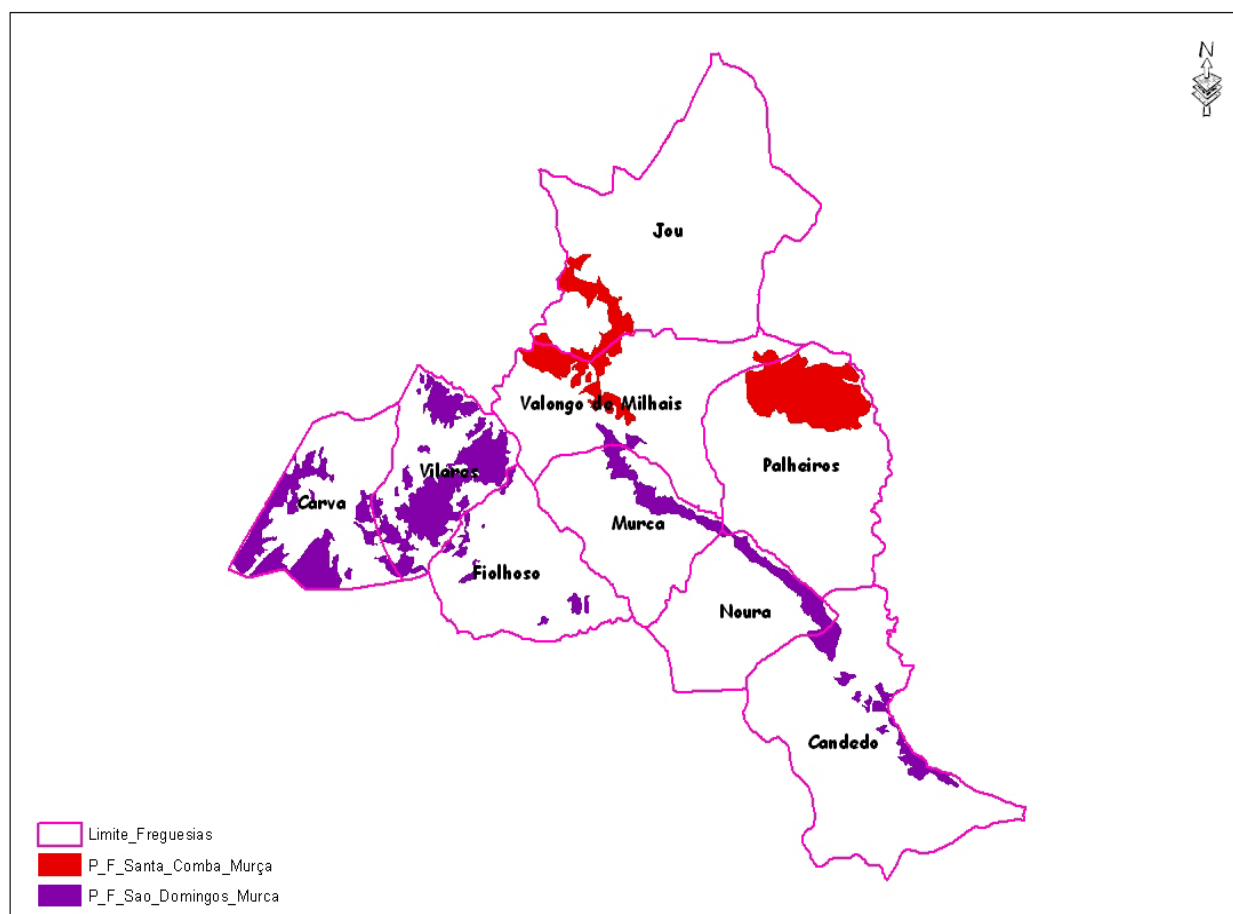
A olivicultura tradicional, só por si, não é rentável e apenas persiste na região se houver a concessão de subsídios à exploração ou em explorações agrícolas do tipo familiar com mão-de-obra disponível. Apesar dos apoios financeiros a plantação de olival não teve um crescimento significativo no concelho e na região resultado da sua fraca rentabilidade e em

muitos casos devido à indisponibilidade de Superfície Agrícola Utilizada (SAU) para culturas alternativas à vinha. A área de olival sofreu uma redução, sobretudo devido à sua substituição por culturas de vinha mais rentáveis do ponto de vista económico e produtivo ou abandono evoluindo posteriormente para matos ou floresta, por regeneração natural.

A área total de Floresta sofreu uma elevada diminuição (cerca de 3418ha) no período de tempo em análise. Para esta redução drástica contribuíram os últimos grandes incêndios que devastaram uma área extensa de floresta na região. O aumento da área de Incultos no mesmo período na ordem dos 3068ha está naturalmente relacionado com a diminuição da área de Floresta. A ocorrência de incêndios e a escassa reflorestação não favorecem a regeneração rápida e duradoura dos arvoredos, provocando a manutenção e progressão da área de incultos no concelho. A presença de incultos e floresta aumenta a diversidade biológica numa dada região, oferecendo um variado leque de *habitats* às espécies florísticas e faunísticas. No entanto a existência de extensas áreas de incultos provocados por incêndios em zonas de solos delgados e de declives elevados, como as que existem no concelho de Murça, pode acelerar os fenómenos de erosão hídrica e levar a desertificação dessas áreas, devido a inexistência de solo para a fixação da vegetação.

A área de Outras Culturas aumentou em cerca de 180ha, expandindo-se sobretudo por áreas anteriormente ocupadas por floresta e incultos.

O Município tem 2 áreas sujeitas Perímetro Florestal, que são elas, o perímetro Florestal de St^a Comba e o perímetro florestal de S. Domingos, como mostra o mapa nº 15



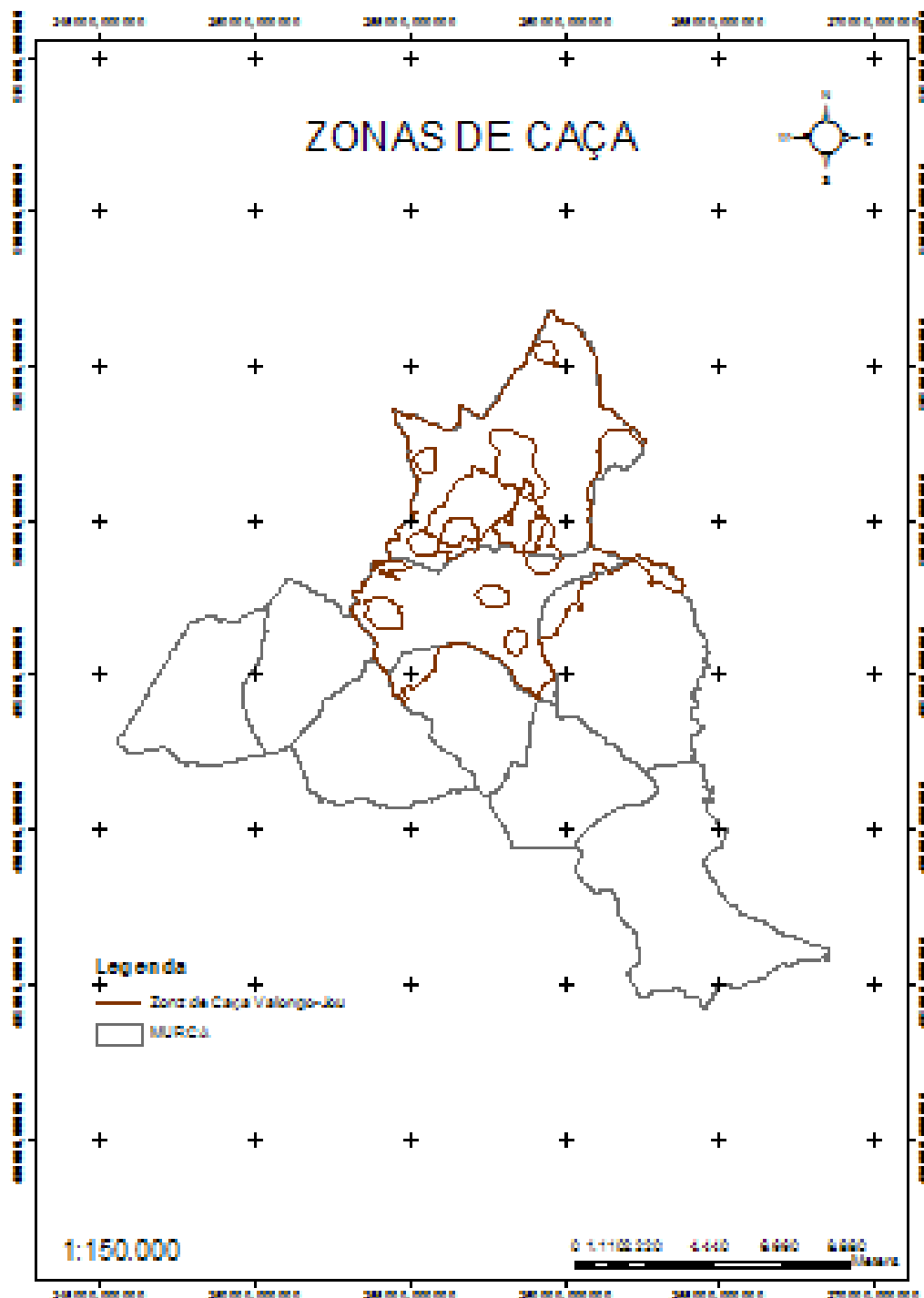
Mapa nº 15 – Perímetros Florestais

	Variação da ocupação do solo entre 1990 e 2002 em hectares por freguesia													
	Espaços Urbanos ¹		Floresta		Incultos		Olival		Outras Culturas		Vinha		Superfícies com água ¹	
Freguesias	1990	Var.	1990	Var.	1990	Var.	1990	Var.	1990	Var.	1990	Var.	1990	Var.
Candedo	41	-3	574	-255	610	198	437	-106	284	-21	914	188	18	0
Carva	26	-3	363	-232	883	164	0	0	252	71	0	0	0	0
Fiolhoso	40	3	921	-540	212	541	4	-4	376	-4	66	4	0	0
Jou	55	-7	1891	-937	707	845	30	2	769	68	278	30	0	0
Murça	69	10	317	-140	329	121	212	-81	103	22	366	68	0	0
Noura	25	1	565	-304	158	244	105	-2	92	-13	521	75	0	0
Palheiros	20	1	1279	-374	803	350	49	-23	461	16	95	30	0	0
Valongo de Milhais	26	-4	1121	-406	540	389	39	-15	415	20	71	16	0	0
Vilares	28	-5	552	-229	636	216	0	0	176	21	15	-3	0	0
Total	330	-7	7583	-3418	4878	3068	876	-229	2928	180	2326	406	18	0

Quadro n.º 7 - Variação da ocupação do solo entre 1990 e 2002 em hectares por freguesia

ZONAS DE CAÇA

A zona de caça do município ocupa totalmente duas freguesias, a de Valongo de Milhais e a de Jou, como podemos ver no mapa seguinte.



Mapa nº 16 – Zonas de Caça

ROMARIAS E FESTAS

A folia, a festança, a fé que se mistura de superfícies e lendas, gentes que se vestem de novos e antigos ritos e comemoram a morte, as colheitas, a fartura e o rigor, tudo isto numa colecção que atravessa tempos, lugares e vivências. As Festas e Romarias são um traço típico da cultura popular e tradicional do nosso povo. Estas manifestações, extremamente numerosas e variadas, acontecem um pouco por todo o país, e fazem parte das tradições e memórias de um povo que luta para manter actual a cultura secular que lhe confere uma identidade muito própria. Por todas as freguesias as festas e romarias, em homenagem a Santos e Padroeiros locais, sucedem-se ao longo do ano. No concelho de Murça destacamos as festas e romarias em honra de:

- ❖ Nosso Senhor dos Aflitos em Murça 2º Fim-de-semana de Julho
- ❖ Nossa Senhora de Fátima em Martim – 2º Fim-de-semana de Agosto
- ❖ São Brás em Sobreira – 3º Agosto
- ❖ Santa Bárbara em Porrais – 3º Fim-de-semana de Agosto
- ❖ Santo Amaro em Noura – 3º Fim-de-semana de Agosto
- ❖ São Bartolomeu em Palheiros – 3º Fim-de-semana de Agosto
- ❖ Festa do Fiolhoso – 3º Fim -de -semana de Agosto
- ❖ Santa Bárbara em Vilares – 1º Fim-de-semana de Agosto
- ❖ Santa Isabel em Jou – 2º Fim-de-semana de Agosto
- ❖ São Sebastião em Carva – dia 2 de Setembro

Em todas as festas é habitual o lançamento de foguetes tipo balona, sendo expressamente proibido os foguetes de mecha acesa conforme o DL 124/2006.

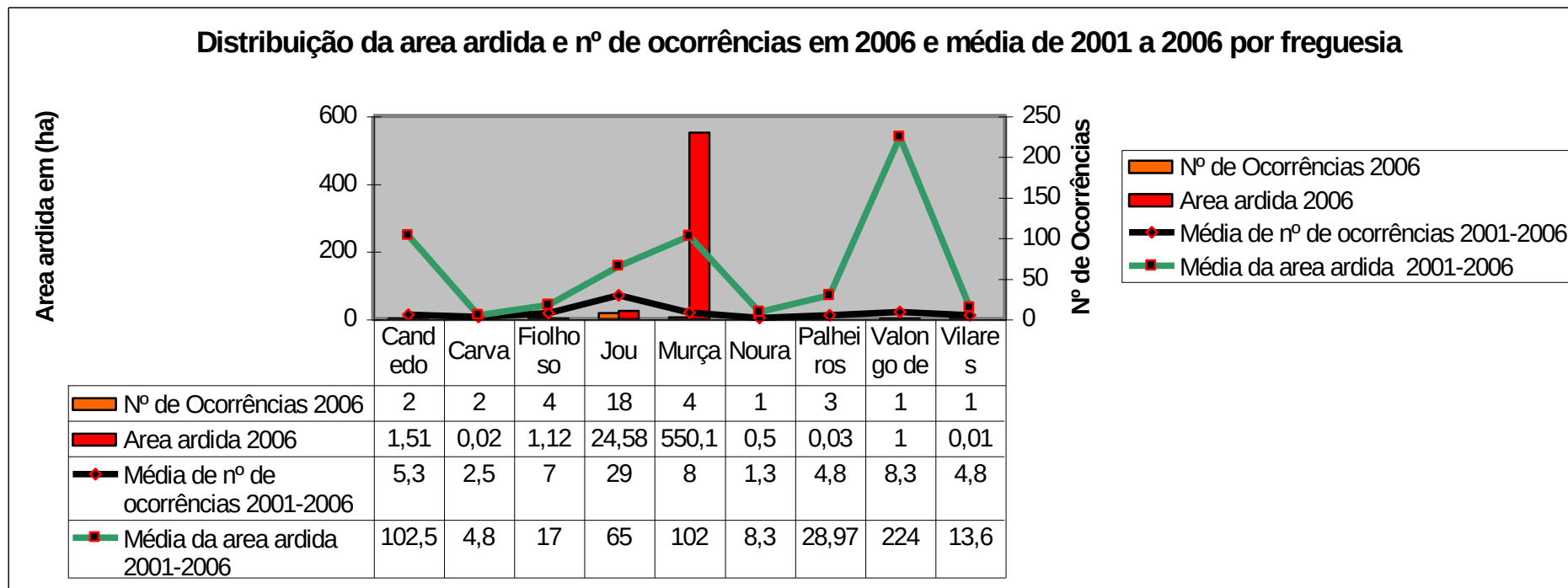
5 – Análise do Histórico e casualidade dos incêndios Florestais (1980-2006)

Tendo em conta o estudo dos incêndios florestais desde o ano de 1980, até 2006, 26 anos, ardeu no concelho de Murça, cerca de 13028.1 ha e espaços florestais, dos quais 8008.8 hectares, correspondem a matos e 4418.8 hectares, correspondem a povoamentos florestais, num total de 1270 ocorrência.

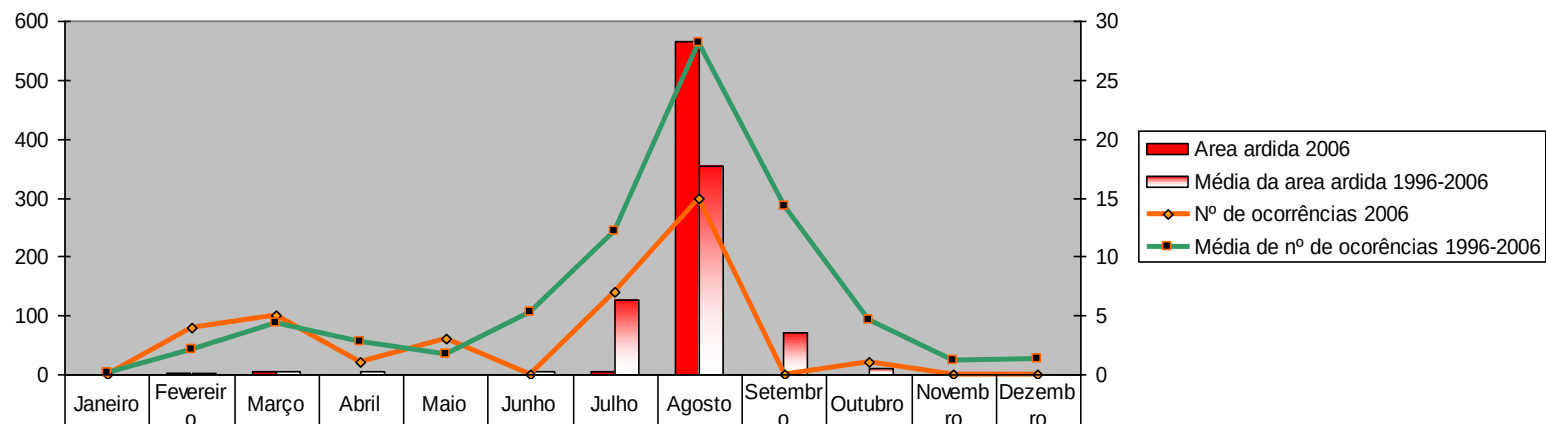
Existem alguns períodos a destacar neste últimos 26 anos: o ano de **1985**, em 40 ocorrências houve uma área ardida de 749.6 ha dos quais 388.5 ha foram matos e 361.1 foram de povoamentos florestais. Após 10 anos, destaca-se outro período crítico, o ano de **1995**. Ardeu neste ano 985.9 hectare, dos quais 510.8 ha, foram matos e 475 ha povoamentos florestais. No ano seguinte, **1996**, perderam-se 463.7 ha de povoamentos florestais e 728.3 ha de matos, perfazendo o total de 1192 ha de espaços florestais ardidos. Em **1998** o cenário continua idêntico foram queimados mais 401 ha de povoamentos florestais, 499,2 ha de matos, contabilizando-se um total de 900,2 ha. Cinco anos após este período destaca-se outro pico, o ano de **2004**, ardeu 372,7 ha de povoamentos florestais e 946,7 ha de matos, num total de 1319.4 ha de área ardida. No ano de **2005** ardeu 471.3 ha de povoamentos e 2729.3 ha de matos sendo o total ardido de 3200.6 ha.

Em 2006 houve menos área ardida no concelho de Murça, 508,5 ha de matos, 67,79 ha de floresta, no total de 576,29 ha de área florestal queimada.

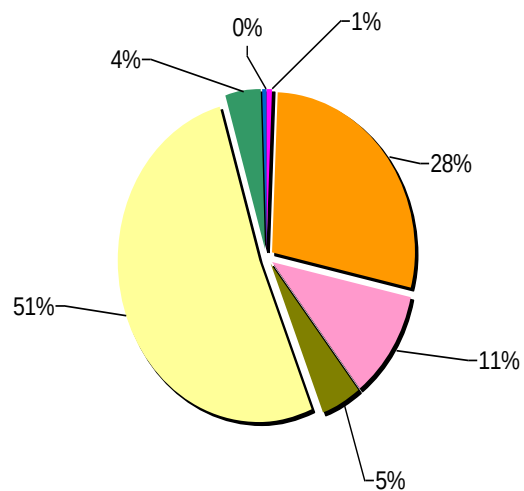
Virando a atenção para os últimos **oito anos**, ardeu **6389.ha de espaços florestais** no concelho de Murça. Sendo **povoamentos florestais 1451,1 ha, matos 4937,9 ha, em 604** ocorrências.



Distribuição Mensal da área ardida e do nº de ocorrências em 2006 e média de 1996 a 2006



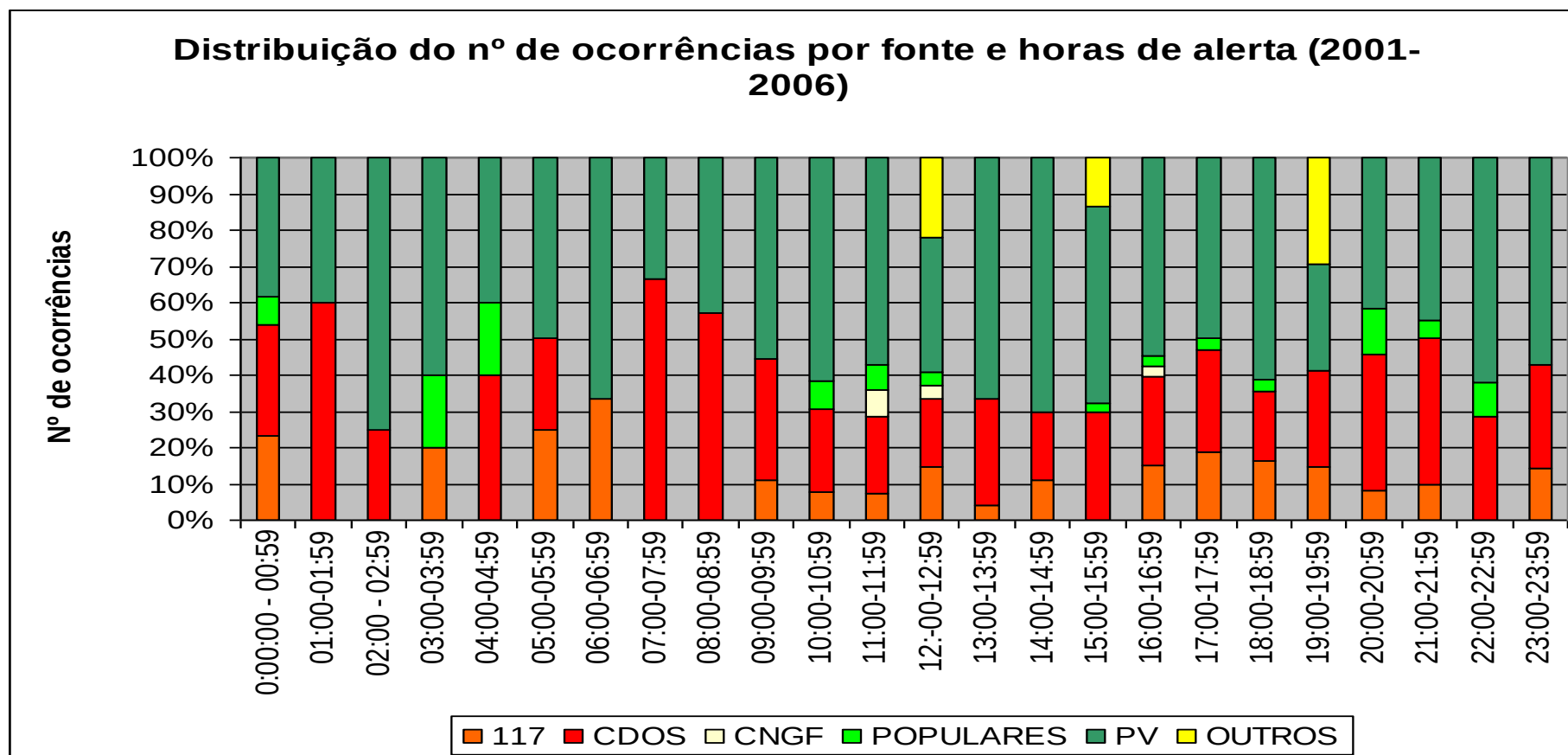
Area ardida 2006	0	2,02	5,06	0,01	1,05	0	4,61	566,06	0	0,01	0	0
Média da area ardida 1996-2006	0,05	2,613	4,934	6,375	1,035	5,514	126,067	355,496	70,899	11,152	1,506	0,827
Nº de ocorrências 2006	0	4	5	1	3	0	7	15	0	1	0	0
Média de nº de ocorrências 1996-2006	0,1	2,1	4,4	2,8	1,7	5,3	12,1	28,2	14,3	4,6	1,2	1,3



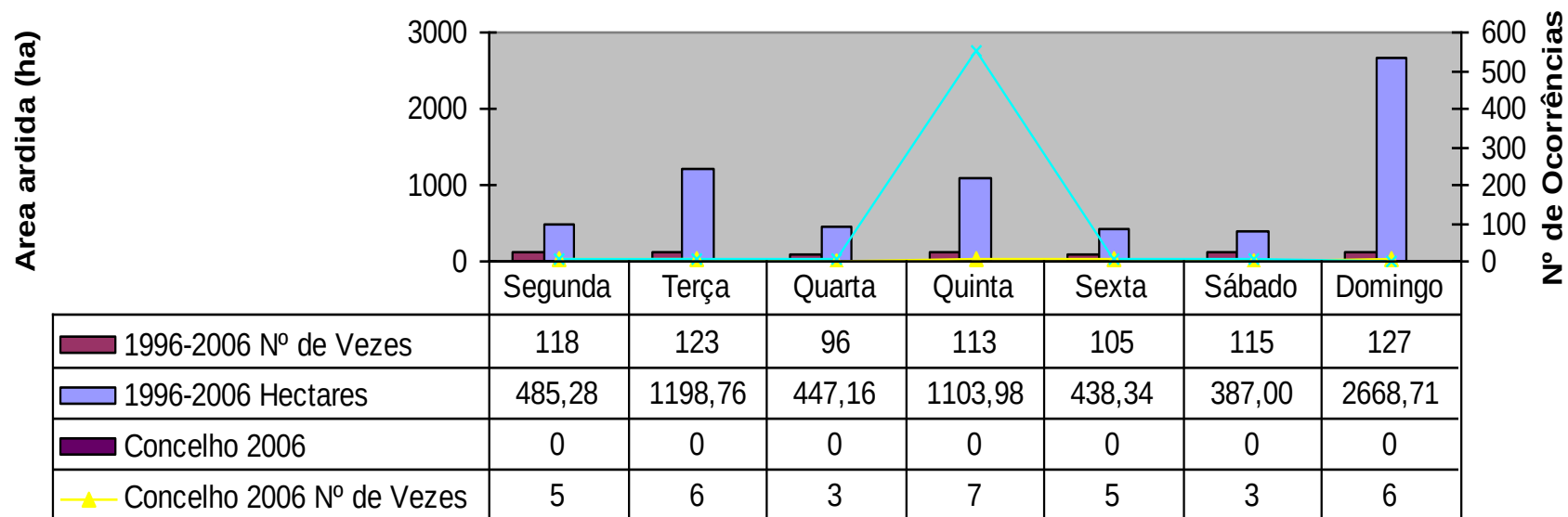
Fontes de Alerta 2001-2006						
CNFG	CDOS	Outros	PV	Populares	Sapadores	
3	114	43	19	210	16	2

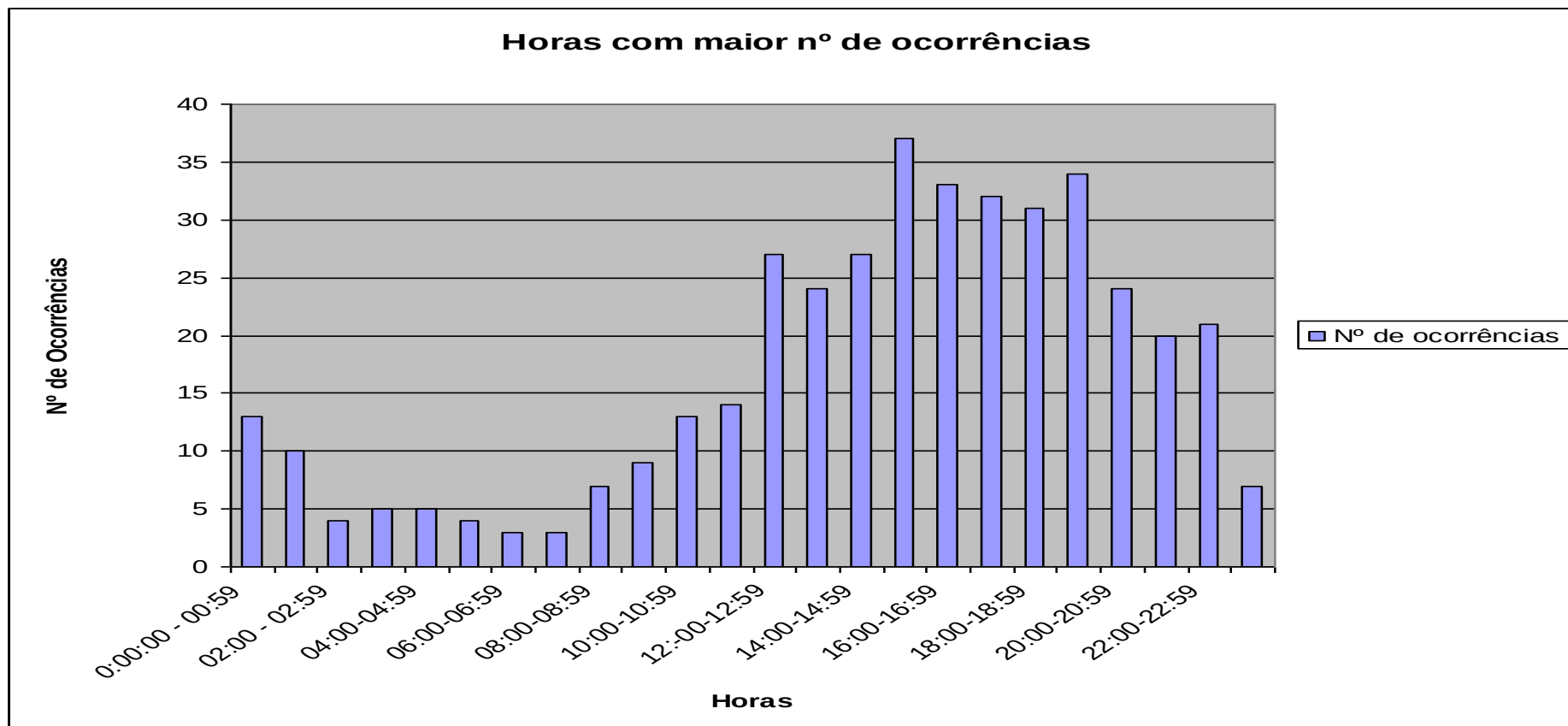
Plano Municipal de defesa da floresta Contra Incêndios – Alterações

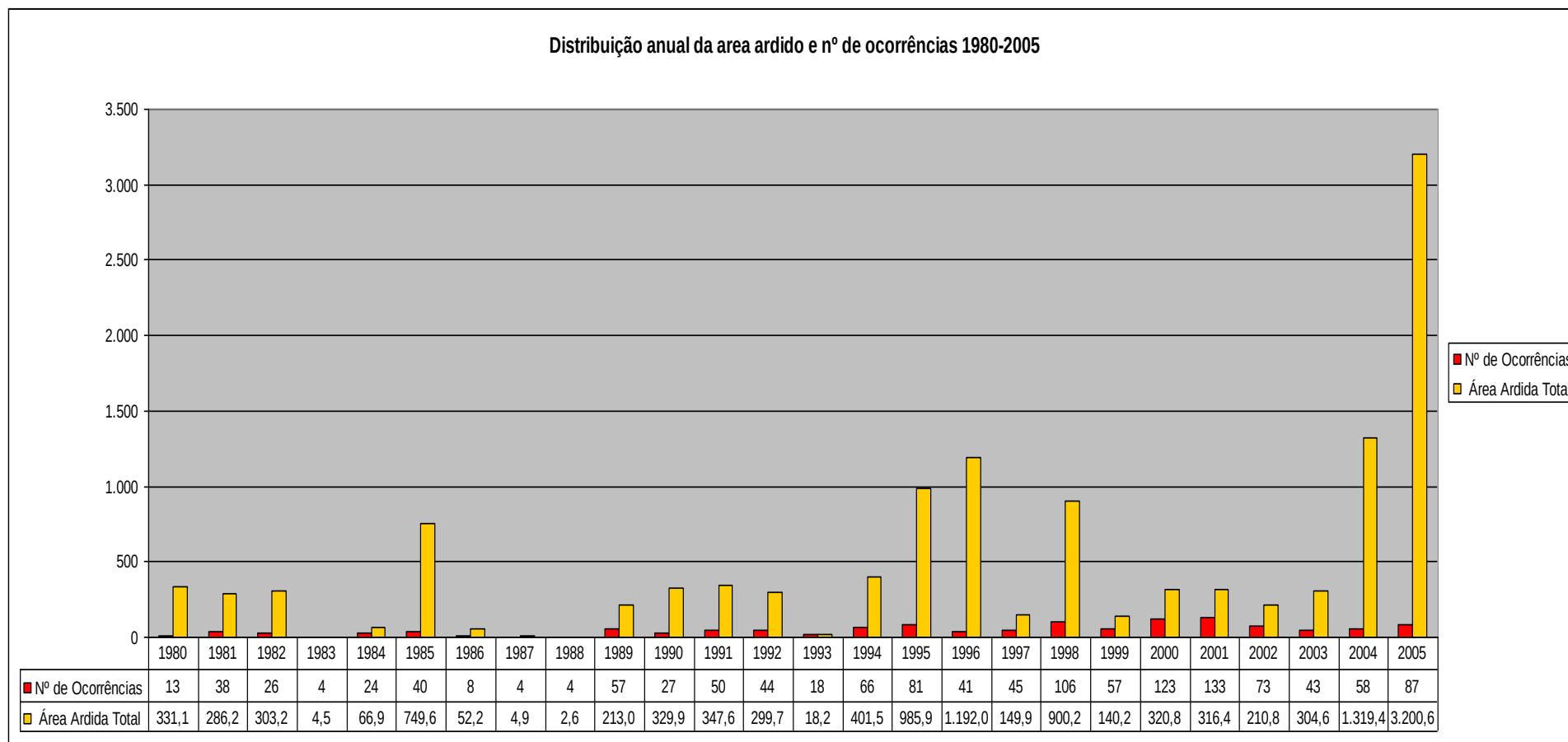
FREGUESIA	Causas	Total de incêndios	Nº de incêndios investigados
CANDEDO	INDETERMINADA	57	0
	INTENCIONAL		1
	DESCONHECIDA		25
	NEGLIGENTE		1
	POR INVESTIGAR		28
	REACENDIMENTOS		2
	NATURAL		0
	Sub-Total		57
Carva	INDETERMINADA	33	0
	INTENCIONAL		0
	DESCONHECIDA		13
	NEGLIGENTE		2
	POR INVESTIGAR		14
	REACENDIMENTOS		4
	NATURAL		0
	Sub-Total		33
Folhoso	INDETERMINADA	87	0
	INTENCIONAL		2
	DESCONHECIDA		34
	NEGLIGENTE		2
	POR INVESTIGAR		40
	REACENDIMENTOS		9
	NATURAL		0
	Sub-Total		87
Jou	INDETERMINADA	291	0
	INTENCIONAL		2
	DESCONHECIDA		59
	NEGLIGENTE		16
	POR INVESTIGAR		182
	REACENDIMENTOS		30
	NATURAL		2
	Sub-Total		291
Murça	INDETERMINADA	120	0
	INTENCIONAL		1
	DESCONHECIDA		46
	NEGLIGENTE		3
	POR INVESTIGAR		59
	REACENDIMENTOS		11
	NATURAL		0
	Sub-Total		120
Noura	INDETERMINADA		0
	INTENCIONAL		0
	DESCONHECIDA		10
	NEGLIGENTE		3
	POR INVESTIGAR		6
	REACENDIMENTOS		1
	NATURAL		0
	Sub-Total		20
Palheiros	INDETERMINADA	43	0
	INTENCIONAL		2
	DESCONHECIDA		12
	NEGLIGENTE		0
	POR INVESTIGAR		27
	REACENDIMENTOS		0
	NATURAL		2
	Sub-Total		43
Val Milhais	INDETERMINADA	73	0
	INTENCIONAL		7
	DESCONHECIDA		14
	NEGLIGENTE		6
	POR INVESTIGAR		41
	REACENDIMENTOS		2
	NATURAL		3
	Sub-Total		73
	INDETERMINADA		0
	INTENCIONAL		1
	DESCONHECIDA		1
	NEGLIGENTE		2
	POR INVESTIGAR		26
	REACENDIMENTOS		0
	NATURAL		0
			0

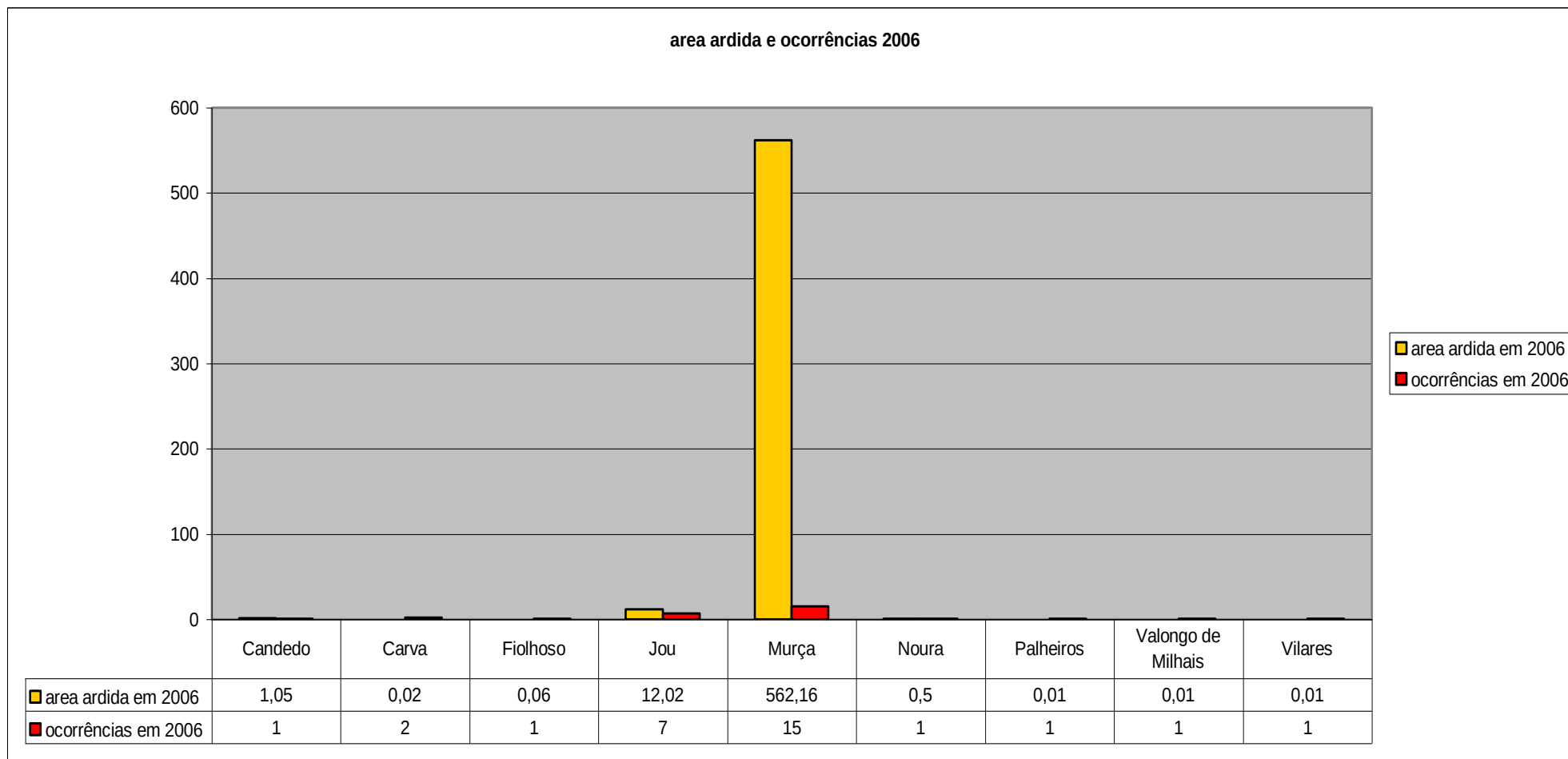


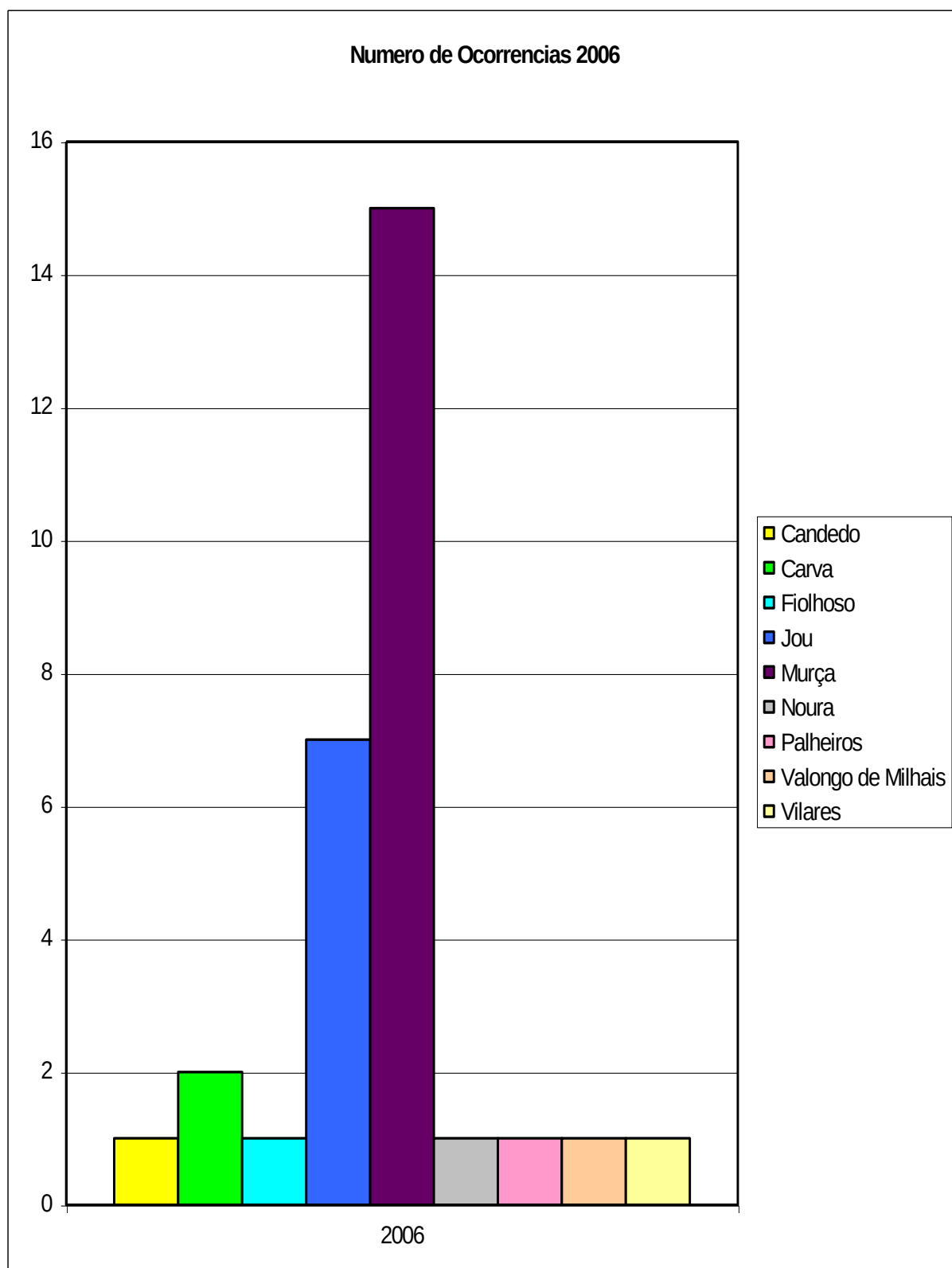
Distribuição semanal da area ardida e nº de ocorrências em 2006 e 1996 -2006



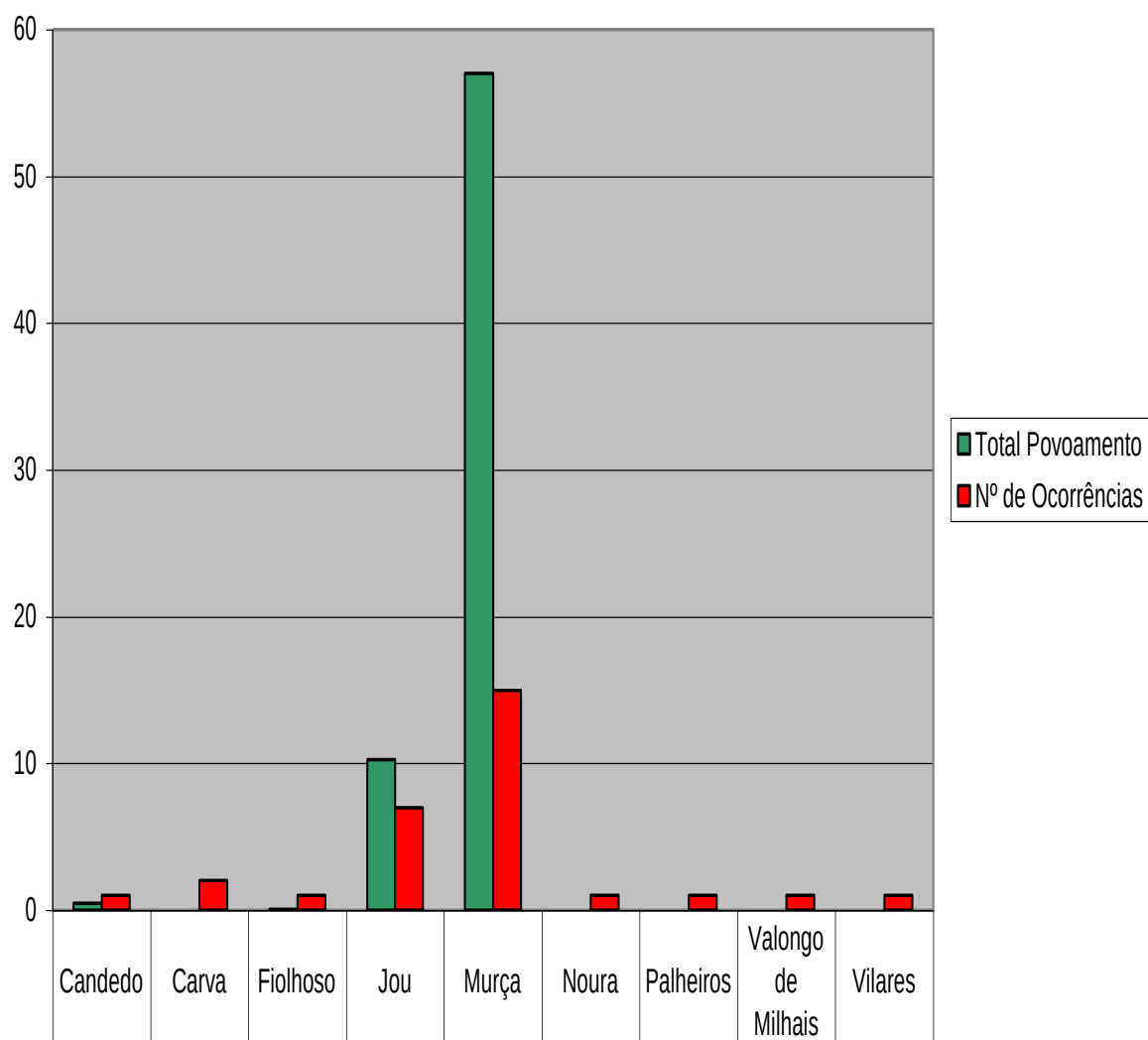




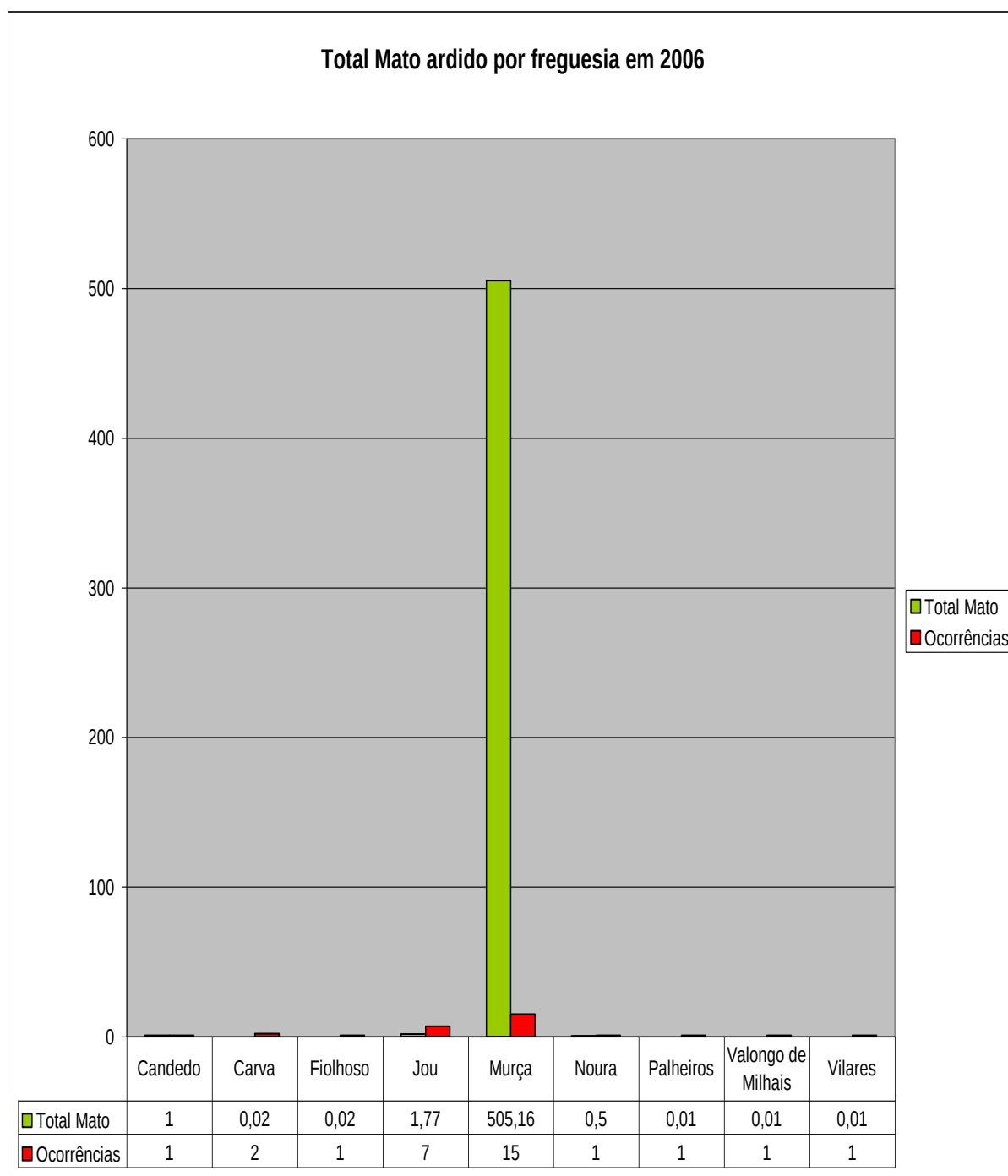


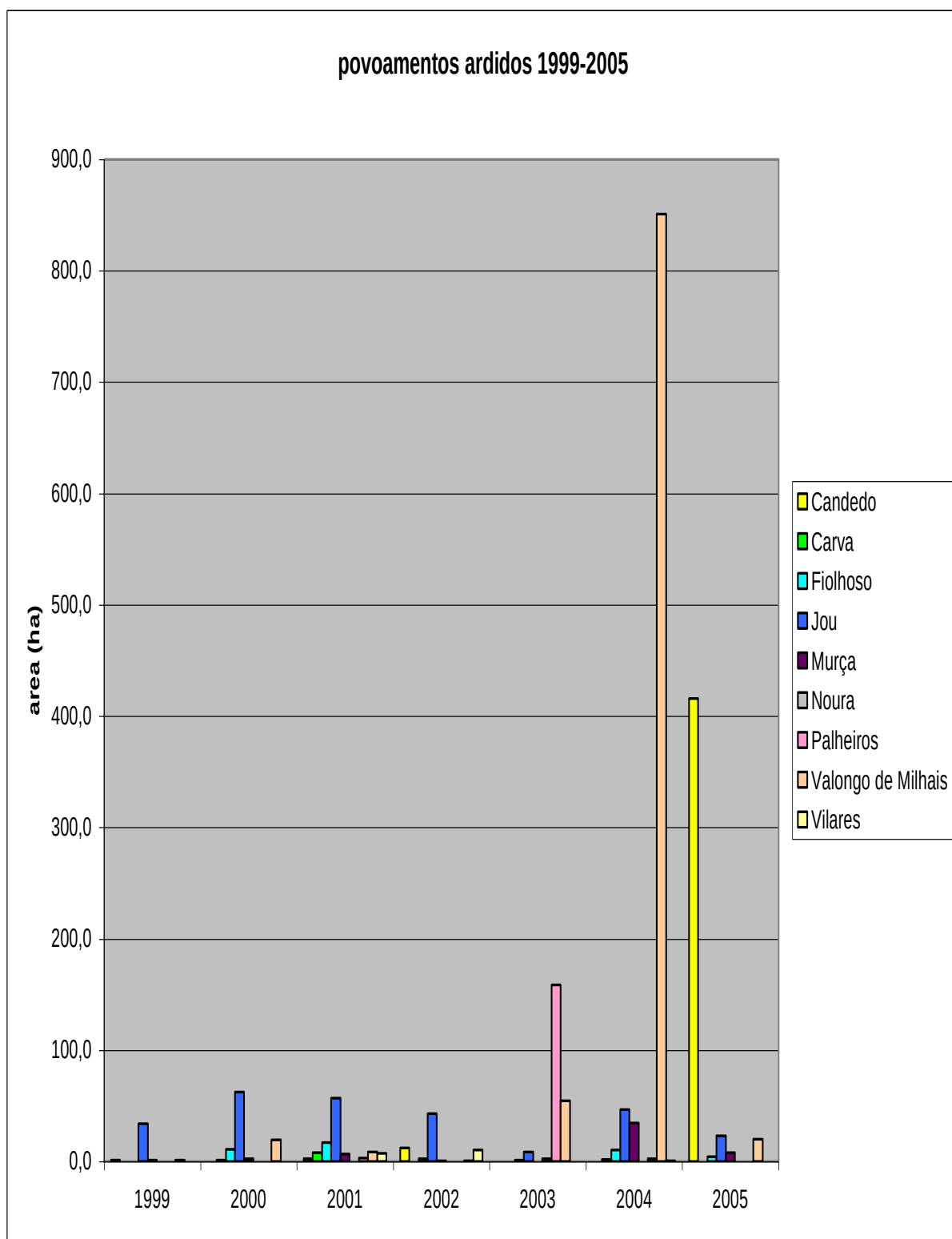


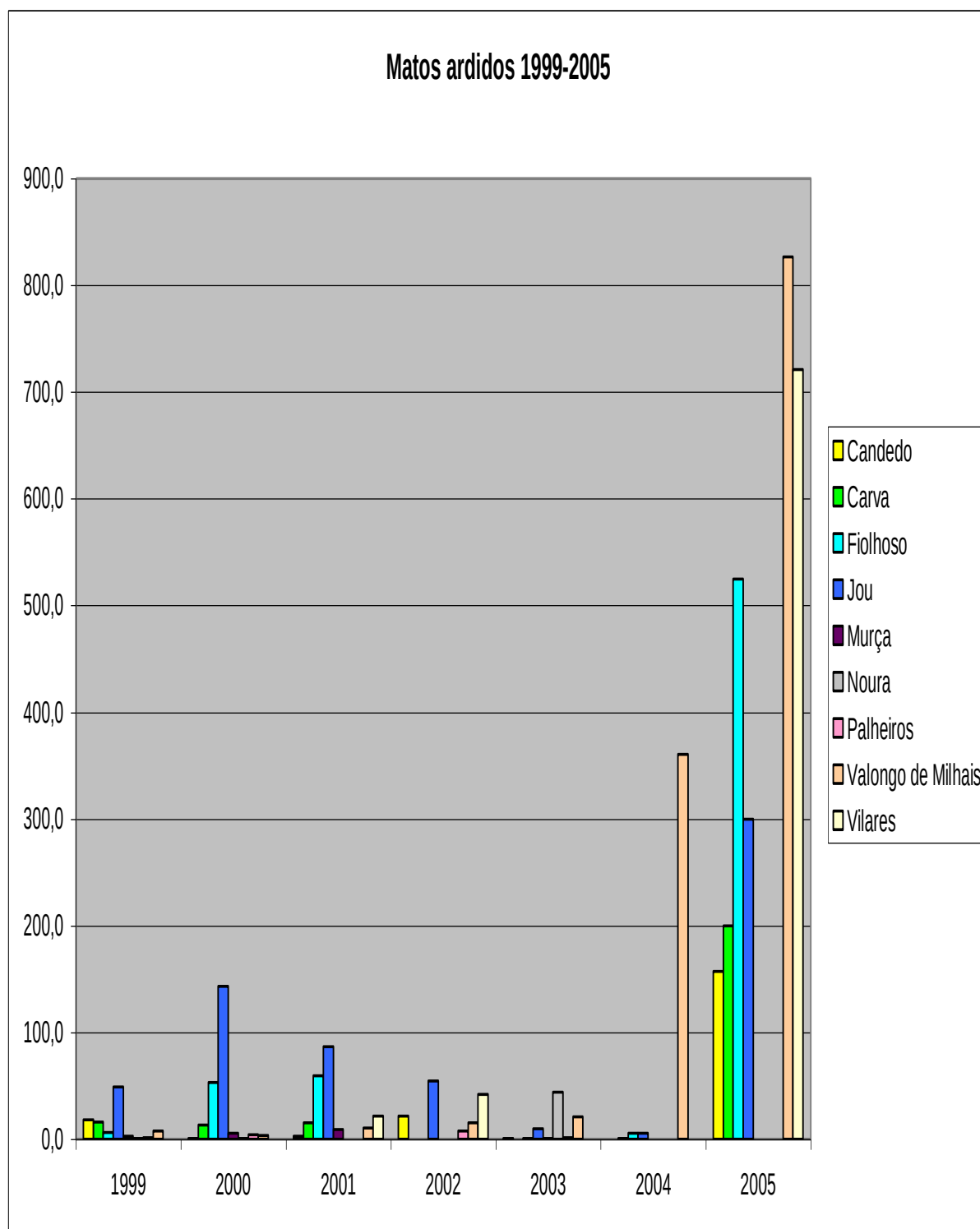
Nº de ocorrências e povoamentos ardidos em 2006



Total Povoamento	0,5		0,04	10,25	57				
Nº de Ocorrências	1	2	1	7	15	1	1	1	1







Ocorrências e totais ardidos nos ultimos 7 anos

